

# Fascismo e barbárie: as manifestações artísticas sob ataques no Brasil bolsonarista

Adriano Nunes\*

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que o fascismo é uma ideologia e de que não há como destruir uma ideia no mundo fenomênico, este artigo propõe-se a analisar alguns eventos fatuais brasileiros relacionados com a ascensão do bolsonarismo, expondo, através de discursos, atos e práticas de Jair Bolsonaro e de seus partidários que, enaltecendo um patriotismo exacerbado, uma política antiesquerda como tática de combate, uma agenda armamentista e fundamentalista, mobilizaram e mobilizam uma massa emotiva e acrítica que, ao ser instrumentalizada, apresenta-se como um séquito de uma religião política, explicitando um culto ao Chefe de Estado como ente divino, um culto ao homem violento e à violência e um culto à ignorância, manifestados, por exemplo, pelo desprezo às manifestações culturais e artísticas modernas e pelo repúdio violento aos artistas e intelectuais. Traços esses que, sob esta perspectiva analítico-crítica, podem ser compreendidos como manifestações do fascismo.

**Palavras-chave:** Fascismo; Bolsonarismo; Arte.

**Fascism and barbarism: the artistic manifestations under attacks in Bolsonaro's Brazil.**

**Abstract:** Assuming that fascism is an ideology and that there is no way to destroy an idea in the phenomenal world, this article aims to analyze some Brazilian factual events related to the rise of bolsonarismo, exposing, through speeches, acts and practices engendered by Jair Bolsonaro and his supporters that, exalting an exacerbated patriotism, an anti-left policy as a combat tactic, an arms and fundamentalist agenda, mobilized and mobilize an emotional and uncritical mass that, when instrumentalized, presents itself as an entourage of a political religion, making explicit a cult of the Head of State as a divine entity, a cult of violent man and violence, and a cult of ignorance, manifested, for example, by contempt for modern cultural and artistic manifestations and violent repudiation against artists and intellectuals. These traits, under this analytical-critical perspective, can be understood as a manifestations of fascism.

**Keywords:** Fascism; Bolsonarismo; Art.

## Introdução

No Brasil, principalmente a partir de 2010<sup>1</sup>, é possível, de algum modo, perceber a manifestação fenomênica da ideologia fascista. Dizer isto significa evidenciar, sob uma perspectiva histórico-sociológica, que o fascismo nunca teve um fim, justamente por ser uma ideia. E as ideias não podem ser destruídas, ainda que possam ser criticadas, reprimidas, excluídas de algumas esferas sociais bem como expostas em sua totalidade, para que se percebam os seus lados mais obscuros, desumanos e cruéis. Tal ideia, no curso das realidades fatuais, diversas vezes, após a sua matriz italiana, renasceu e adquiriu força persuasiva, atraindo um séquito de admiradores acríticos que se identificam com as suas promessas de “ordem”, “grandeza”, “salvação”, entre outras.

O fascismo, no Brasil contemporâneo, já apresenta explicitamente aquela característica de expansão e império. Já não parece ter quaisquer receios de moral, ética, ao assumir o seu chauvinismo aparentemente legitimado após as últimas eleições presidenciais, pois o slogan estatal do atual Governo afirma peremptoriamente que o Brasil deve estar acima de tudo<sup>2</sup>. Talvez, sonhando ser a Roma Antiga tupiniquim ou ser o herdeiro legítimo de algum Reich antepassado tropicalista. Além disso, a ideia fascista tem vestido uma

---

<sup>1</sup> Ano da primeira vitória de Dilma Rousseff para a Presidência da República. Desde a campanha eleitoral, viu-se uma onda machista contra a candidata justamente por ela ser mulher. Esse machismo violento exacerbou-se durante as eleições de 2014, quando ela foi reeleita. Imagens de Dilma, em pose simulando as pernas abertas, eram adesivadas na entrada de abastecimento do tanque de combustível, em uma alusão à vagina e ao pênis (a mangueira de abastecer). Ver: TERRA. **Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma**. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html>. Acesso em 26 nov. 2019.

<sup>2</sup> Ver: SETO, Guilherme. **Slogan de Bolsonaro foi inspirado em brado de paraquedistas militares**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2019. E também: FOLHA DE SÃO PAULO. **Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2019.

carapuça conservadora<sup>3</sup>, dada pelo apoio das alas da direita extremista<sup>4</sup> e da vasta parte das igrejas evangélicas<sup>5</sup>, bem como parte radical da Igreja Católica<sup>6</sup>, e um matiz chauvinista<sup>7</sup>.

Não pretende *a priori* conquistar ainda fronteiras internacionais militarmente, mas atua para limitar as suas fronteiras, limitando também as fronteiras dos indivíduos e instituições que não compactuam com a ideologia governista. E, parece mesmo óbvio, a tentativa de expulsar aqueles e aquelas tidos (as) como não bem-vindos(as): imigrantes e descendentes, partidários opositores, inimigos políticos e críticos do Estado.

A ideia fascista parece sempre estar a causar fascínios nas pessoas que idealizam uma *Wille zur Macht*<sup>8</sup>, procurando em si novas justificativas éticas, morais, sociais, políticas e culturais para exercer a sua vontade de domínio e controle sobre toda e qualquer existência, inclusive aquelas que servem de base, como massa manipulável, emotiva, que se veem dispostas a defender, a todo custo, a ideia fascista.

Neste trabalho, procurar-se-á demonstrar, de algum modo e sob certa perspectiva, que não fazem sentido lógico as categorias analíticas como "neofascismo", "retorno do fascismo", "fascismo dependente" (popularizada por Theotônio dos Santos<sup>9</sup>) "fascismo *sui generis*", "pós-fascismo" (preferida por Enzo Traverso<sup>10</sup>), etc e tal. O fascismo é o que é.

<sup>3</sup> Ver: COSTA, R.; KAFRUNI, S. **Bolsonaro lança partido com agenda conservadora em solenidade em Brasília.** Correio Braziliense, Brasília, 2019. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/22/interna\\_politica,808257/bolsonaro-lanca-partido-com-agenda-conservadora-em-solenidade-em-brasi.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/22/interna_politica,808257/bolsonaro-lanca-partido-com-agenda-conservadora-em-solenidade-em-brasi.shtml). Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>4</sup> Ver: LONDÔNIO, E.; DARLINGTON, S. **Jair Bolsonaro Wins Brazil's Presidency, in a Shift to the Far Right.** The New York Times, New York, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/28/world/americas/jair-bolsonaro-brazil-election.html>. Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>5</sup> Ver: ABBUD, B. **Como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos.** Época, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-bolsonaro-se-tornou-candidato-dos-evangelicos-23126650>. Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>6</sup> LEVINO, R. **O radicalismo político divide a Igreja Católica no Brasil.** Época, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-radicalismo-politico-divide-igreja-catolica-no-brasil-artigo-23649671>. Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>7</sup> Evidenciado desde o período eleitoral de campanha no qual o então candidato à Presidência da República, pelo PSL, Jair Bolsonaro, afirmava peremptoriamente o seu tema "Brasil acima de tudo", mas não só. As cores escolhidas por seu comitê e por seus partidários e aliados foram as da bandeira do Brasil, em uma exortação chauvinista que se põe contra a cor vermelha a qual passou a representar, sob um maniqueísmo político, o comunismo, isto é, um mal a ser combatido.

<sup>8</sup> "Vontade de poder". Conceito nietzschiano, presente, principalmente, em livro homônimo, de Friedrich Nietzsche. Ver: NIETZSCHE, F. **Der Wille zur Macht.** Berlin: Jazzybee, 2016.

<sup>9</sup> Ver: SANTOS, T. dos. Socialismo y fascismo em América Latina hoy. **Revista Mexicana de Sociologia**, Ciudad de México, 1977. Republicado, com tradução em português, em Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas (UNB), 2018, v. 12, n.º. 1.

<sup>10</sup> Ver: TRAVERSO, E. Posfascismo. Fascismo como concepto transhistórico. **Viento sur**, n.º. 166, 2019, pp. 76-83. E ainda: TRAVERSO, E. Espectros del fascismo. Metamorfosis de las derechas radicales en el siglo

Teve o seu momento histórico explícito, bem característico, na Itália e na Alemanha, no período entre as grãs Guerras. Mas não sumiu, nem se destruiu, não foi destruído, isto é, não findou enquanto δόξα. E, por persistir, parece ser mesmo detectável, do ponto de vista analítico, por apresentar algumas características, umas com maior e menor grau de positividade afirmativa conceitual e eficácia social do que outras, mas que, conjuntamente, parecem construir um arcabouço ontológico e epistemológico que pode levar a constatar a sua presença na atualidade brasileira.

O fascismo original, primevo, mussolínico, é uma categoria histórica e tem características próprias. Todavia, não difere epistemologicamente do fascismo atual, ainda que, a este, outras características sejam acrescidas. Nesta perspectiva, aqui defendida, não existem "tipos de fascismos". Há o fascismo e quem o toma como crença e verdade. A aparência do fascismo, a sua manifestação fenomênica, é que pode ser distinta, decorrente de uma miríade de fatores sociais, culturais, políticos, morais, etc. e das características que se apresentam predominantes em cada época. Não há consenso quanto às características definidoras do fascismo. Para Umberto Eco são 14<sup>11</sup>. Para Ernst Nolte<sup>12</sup> são 5. Para Bahamonde e Martínez<sup>13</sup> são 11. Para Emilio Gentile são 10<sup>14</sup>. Para Jerzy Wojciech Borejsza<sup>15</sup> são 11. Para Roger Griffin<sup>16</sup> são 9. Para Stanley George. Payne<sup>17</sup> são 13.

A questão do fascismo na América Latina é analiticamente problemática, porque muito se confundiu e se confunde populismo com fascismo e também autoritarismo com fascismo, isto é, procurou-se, de alguma maneira estigmatizar ideologicamente ditaduras como manifestações fascistas pelo simples fato de serem ditaduras ou terem governantes populistas. Além disso, as influências das ideologias europeias sobre as elites dominantes intelectuais e políticas parecem ter aberto um campo de acusações cegas acadêmicas americanas e europeias, onde se quis, de modo forçado por preferências ideológicas e não

---

XXI. **Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo**, València, 2016, n° 50, (Ejemplar dedicado a: El inquietante siglo XXI), pp. 4-20.

<sup>11</sup> ECO, U. **Ur-Fascism**. The New York Review of Books, New York, 1995. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>12</sup> NOLTE, E. **Les mouvements fascistes**. L'Europe de 1929 à 1945. Paris: Calmann Lévy, 1991.

<sup>13</sup> BAHAMONDE, A.; MARTÍNEZ, J.A.. *Historia de España. Siglo XX. 1933-1996*. Madrid: Cátedra, 1999.

<sup>14</sup> GENTILE, Emilio. *Fascismo. Historia e interpretación*. Madrid: Alianza, 2004.

<sup>15</sup> BOREJSZA, J.W. *La escalada del odio. Movimientos y sistemas autoritários y fascistas em Europa, 1919-1945*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

<sup>16</sup> GRIFFIN, R. *International Fascism: Theories, Causes and the New Consensus*. London: Arnold, 1988.

<sup>17</sup> PAYNE, S. G. *El fascismo*. Madrid: Alianza, 2014 e também ver em *Historia del fascismo*. Barcelona: Planeta, 1995.

por uma questão de peso equânime e racional, enquadrar, por causa de regimes ditatoriais, o fascismo como de esquerda<sup>18</sup>.

Assim, os estudos sobre o fascismo na América Latina têm levando em consideração três variantes analíticas maiores: 1. Processos de fascistização/Fascismo em projeto; 2. Uso da ideia original julgada adaptada para explicar a América Latina dos anos 70/Fascismo atípico e fascismo dependente; 3. Uso lato sensu do conceito, dissociado dos fenômenos europeus. (TRINDADE e SANTAMARÍA, 1983).

Quanto à abordagem do nazismo, distinguem-se três amplos grupos de abordagens interpretativas: 1. Liberal; 2. Marxista; 3. Estruturalista (ou funcionalista). As abordagens liberais apresentam, de algum modo, escassez de teorização sobre a natureza do Estado, sobre a sua relação com a economia, sobre a autonomia do Executivo político, e o papel dos atores principais na esfera política desempenha uma importância extrema. As análises marxistas, de um lado, têm o mérito em explicar as circunstâncias da tomada do controle fascista, entretanto fazem uma análise fraca das características e extensão da autonomia do regime, uma vez o fascismo instalado no poder. Por sua vez, a análise estruturalista (ou funcionalista) dá ênfase à desintegração do governo ordenado no Terceiro Reich, concentrando tal explicação em alguns espectros analíticos: 1. Ausência de planejamento claro e consistente, levando ao colapso destrutivo e impulsos cada vez mais selvagens; 2. A cumplicidade das elites tradicionais no processo; 3. Atenção para a relação entre o crescimento do absolutismo do Führer e as esferas de poder político ideologicamente direcionadas. (KERSHAW, 1989)

Nenhuma das análises é absoluta e perfeita. Para uma melhor compreensão do fenômeno nazismo-fascismo, deve-se utilizar de uma miríade de análises que se inter cruzam e se interconectam, diversas vezes, com perspectivas de tais abordagens, para que pontos fundamentais do objeto não se percam em conjecturas e suposições alicerçadas em ideologias de base, inclusive intelectuais, que podem alimentar e expor apenas um fato, um acontecimento, ou dar uma relevância exagerada a tais fenômenos, por interesse ideológico e político.

Por causa da linha analítica e crítica que este trabalho segue, é necessário expor, de

---

<sup>18</sup> Para Seymour Martin Lipset, o Varguismo e o Peronismo seriam “fascismo de esquerda”. Ver: LIPSET, S.M. *L’homme et la politique*. Paris: Seuil, 1963.

alguma maneira e ainda que resumidamente, como Ian Kershaw, sob importante influência de Max Weber em alguns pontos, analisa<sup>19</sup> o fenômeno nazista. Ele localiza a excepcionalidade do Estado nazista na posição excepcional do poder de Hitler, mas não coloca a ênfase na personalidade como chave ao poder pessoal, isto é, ele não reduz o papel do Führer à mera função de governo nem o considera um ditador fraco. Ele ainda analisa a crise de Weimar como fator importante, evidenciando o cartel de poder que viria surgir a partir das alianças, em 1933, entre as elites dominantes e o Estado nazista; as mudanças dentro das próprias elites e o crescente militarismo na sociedade civil; a remodelação do Estado sob os efeitos da autoridade carismática. Kershaw aponta que

A excepcionalidade (do Estado nazista) reside menos no fato de Hitler ter sido um indivíduo extraordinário e bizarro que na forma distintiva da autoridade política na qual ele incorporou e em seu impacto corrosivo sobre o Estado mais avançado economicamente e culturalmente na Europa.<sup>20</sup> (KERSHAW, 1989, p.67)

Expostas tais considerações, não há como compreender e explicar o bolsonarismo apenas por um único fator, seja ele o indivíduo Jair Bolsonaro, seja a mídia conivente, sejam as elites dominantes e realmente ricas, seja a classe média, sejam o antipetismo irracional, enfim, quaisquer análises que queiram compreender e explicar o fenômeno fascista brasileiro e que pretendam acentuar demais um traço ou apenas explicá-lo por um só fator cometerão um erro grave analítico, possivelmente.

No calor das emoções, durante o processo do Impeachment e pós-Impeachment, alguns pensadores e pesquisadores brasileiros bradaram alto que a culpa do *status quo* era, em sua quase totalidade, da classe média (Marilena Chauí, por exemplo, chegou a afirmar que odiava a classe média; a pergunta que se deve fazer é como se pode analisar um objeto de pesquisa se se parte do princípio de que é odioso? Como obter racionalidade e objetividade a partir de tal “*approach*” fundamentado em sentimentos?), o que, em verdade, só reflete o quanto de paixão e ideologia tais análises estão impregnadas. Ou apressaram-se a tentar explicar que estava a ocorrer e ocorrendo.

Outro exemplo: Jessé Souza, em *A elite do atraso* (Leya, 2017), cuja intenção e

---

<sup>19</sup> Ver: KERSHAW, I. Weimar: why did German democracy fail (Debates in Modern History). London: Palgrave Macmillan, 1990; KERSHAW, I. The Nazi Dictatorship: problems and perspectives of interpretation. Series: Hodder Arnold Publication. New York: Bloomsbury, 2000; KERSHAW, I. Hitler: a biography. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

<sup>20</sup> Tradução nossa.

abordagens são interessantes e importantes, parece tê-lo feito às pressas, no calor dos acontecimentos. Jessé é preciso em diversas análises. Neste livro, todavia, apresenta em diversos parágrafos argumentos totalizantes (que, de alguma maneira, podem ser perigosos), com o uso de palavras como "sempre", "nunca", "todos" de forma exagerada, de algum modo e sob certa perspectiva, evitando o comedimento, que é um pressuposto da razão. Só por curiosidade, ele cita as palavras: "sempre": 104 vezes; "todos": 167 vezes. Palavras que, de alguma maneira, podem indicar comedimento: "maioria": 27 vezes; "grande parte": 5 vezes. "boa parte": 5 vezes; "alguns": 20 vezes. A expressão "classe média" aparece mais de 190 vezes!

Ele concentra o problema praticamente na classe média, tanto que afirma, em um dos muitos parágrafos, pôr a culpa quase toda nessa classe: "um leitor de classe média percebe apenas a homogeneidade de sua própria classe". Poderíamos criticamente perguntar: a que classe pertence Jessé ou de que classe ele se considera fazer parte? Porque, se ele é da classe média, e tudo indica que seja, cairia em uma contradição analítica. Ou ele seria entre os leitores da classe média um possível privilegiado. O que, neste caso, seria hipocrisia. E, aqui, neste fragmento, uma prova possível do comprometimento ideológico: "se entendermos isso, entenderemos também a situação da classe média brasileira como tropa de choque dos poderosos de plantão". A classe média tem relação com o processo atual que se configura fascista? Sim, mas não como a peça-chave e diretriz de uma análise sociológica ou histórica sobre o fascismo. Neste sentido, o autor também não compactua com o argumento reducionista de Pierre Milza (1997, p. 120) que atesta ser "le fascisme le résultat d'une mobilisation «secondaire»: celle d'une société déjà industrialisée au sein de laquelle les classes moyennes constituent le principal vecteur du fascisme."<sup>21</sup> Este autor não se alongará nesta análise, porque fugiria, em demasiado, ao que se pretende aqui.

O grau de expressão da ideia fascista se dá de acordo com o momento histórico e com a possibilidade de ser exposta e disseminada tal ideia, paradoxalmente, como em países democráticos, pela abertura proporcionada através redes sociais e novos aplicativos de mídia e celulares, etc. A ideia fascista sobrevive e sobreviverá porque tem relação íntima com a natureza animalisca que parece, de algum modo, impregnar a existência humana, com falhas

---

<sup>21</sup> "O fascismo é o resultado de uma mobilização "secundária": aquela de uma sociedade já industrializada em que as classes médias constituem o principal vetor do fascismo." (tradução nossa)

de reconhecimento e com processos de reificação, processos de exclusão, com um cerne de extremo pertencimento à pátria, expressado em militarismo, chauvinismo e xenofobia, o culto à ignorância e à violência, ao protótipo do homem violento, um ódio explícito à modernidade e às artes, ao pensamento crítico, à razão, à filosofia, à sociologia, às verdades fatuais, às ciências em geral, um desrespeito brutal a artistas e intelectuais, quase sempre tidos como “comunistas”, por exemplo. O fascismo manifesta-se e atua como uma religião política<sup>22</sup>.

É importante lembrar-se de que toda ideia busca legitimidade para ter eficácia social. Quando a ideia fascista obteve legitimidade pelas massas emotivas e acríticas, na Alemanha e na Itália entreguerras, houve a sua forma mais explícita e abjeta. Para exercer os seus efeitos mais nefastos, a ideia fascista precisa de legitimidade.

Assim como a maioria dos alemães apoiou um governo nazista, crendo - religiosamente - num ideal racista e em uma *Wille zur Macht*, sabendo de todas as atrocidades e dos abusos das leis. Assim como a maior parte dos italianos apoiou as violências e crimes do governo fascista, que se imaginava herdeiro da Roma antiga, que doutrinariamente afirmava que "lo Stato fascista, forma più alta e potente della personalità, è forza, ma spirituale. La quale riassume tutte le forme della vita morale e intellettuale dell'uomo"<sup>23</sup>, acreditando veementemente em suas propostas de salvador da pátria, do mesmo modo, muitos brasileiros continuam a defender um Estado caótico, continuam acreditando em salvadores da pátria e moralizadores, em paladinos da justiça. Mas não apenas.

Antes de perguntar-se por que vasta parte da sociedade brasileira vem flertando com extremismos, principalmente de direita, antes de interrogar-se em busca de uma compreensão racional acerca das investidas de religiosos na política e em setores ligados ao poder, como o judiciário, antes de tentar lançar luzes sobre a compreensão de como essas estruturas atuam conjuntamente para atacar as artes, os artistas e intelectuais brasileiros, é

---

<sup>22</sup> Ver: ROGGERO, F. S. Fascismo y sacralidade: notas em torno al concepto de “religión política”. *Noésis*, 2015, vol. 24, n.º. 47-3; BELLAH, R. N. Civil religion in America. *Daedalus*, 1967, vol. 96, n.º. 1, Religion in America.

<sup>23</sup> MUSSOLINI, B.; GENTILE, G. *La dottrina del fascismo*. Polyarchy. Disponível em: <http://www.polyarchy.org/basta/documenti/fascismo.1932.html>. Acesso em: 20 nov. 2019. “O Estado fascista, a forma mais alta e mais poderosa da personalidade, é força, mas espiritual, a qual resume todas as formas da vida moral e intelectual do homem”. (Tradução nossa)

preciso estar-se consciente de que toda e qualquer religião é uma ideologia.

Sendo um conjunto sistemático de ideias cujo cerne gira em torno do sagrado, do controle social e de promessas de salvação e/ou recompensas futuras, isto é, através de um sistema organizado de símbolos, crenças e ritos, um grupo, uma comunidade ou uma sociedade (nos casos de teocracias) mantêm os seus indivíduos ligados através dessa ideia de sagrado a qual servirá de fundamento para engendrar dogmas e normas de conduta, ações, práticas, discursos e estados anímicos transcendentais que podem, também, até levar à fé cega, a fundamentalismos, a cruzadas extremistas, etc. Ou melhor: a variados graus e tipos de violência.

### **Possíveis raízes da direita agressiva no Brasil**

De algum modo, o surgimento de uma direita conservadora afiada para o ataque a artistas e às artes, principalmente, àquelas identificadas como modernas, cujo exemplo mor pode ser o Concretismo e sua descendente estética, a Tropicália, remonta a períodos iniciais da democratização constitucional brasileira, isto é, depois de 1988. É um fato, aparentemente insignificante, irá, sob certa perspectiva, demonstrar um ponto crítico nas relações de poder e campos de possibilidade na arte brasileira: o retorno ao Brasil, por deportação, em 1993, de Bruno Tolentino, após ter sido preso na Inglaterra por acusação de tráfico de drogas. De acordo com Nick Burns,

O retorno de Tolentino ao seu país natal marcou os primeiros movimentos de uma nova sensibilidade conservadora. “Terceira via” - Políticas inspiradas podem ter prevalecido sob o Presidente centrista Fernando Henrique Cardoso, que assumiu o cargo em 1995, mas a elite intelectual do Brasil estava cada vez mais casada com o Partido dos Trabalhadores, de esquerda, e os músicos de esquerda que se denominaram símbolos de resistência durante a ditadura, foi mais ampla e oficialmente celebrada - tudo para desgosto de Tolentino.<sup>24</sup> (BURNS, 2019)

Este fato demonstra per si duas características fundamentais que serão adotadas a partir daí pela nova direita brasileira em relação à arte: uma, de cerne moralista, todavia, hipócrita; a outra, política, isto é, a arte brasileira dominante seria reconhecida como partidária de esquerda e, por isso, inimiga da arte tradicional (nos moldes europeus), dos formalismos, da pretendida grande arte. A característica de cerne moralista baseia-se na

<sup>24</sup> Tradução nossa.

premissa de que tais artistas, tidos como esquerda, levavam uma vida devassa, mesclada a festas e uso de drogas, patrocinadas, muitas vezes, pelo dinheiro público, que tais artistas também não tinham uma formação intelectual típica dos europeus ocidentais e americanos, não tendo, assim, conhecimento de outras línguas e de cultura clássica, logo, a arte, advinda desse arcabouço “subintelectualizado”, seria uma arte menor ou uma não-arte.

Não demorou muito, após a sua chegada ao Brasil, e Bruno Tolentino fez um primeiro ataque. Ele sabia que os irmãos Campos, Haroldo e Augusto, tinham uma posição política de esquerda. Em 3 de setembro de 1994, ele criticou violentamente a tradução (e também o tradutor Augusto de Campos!) de "Praise for an Urn" (de Hart Crane), na resenha "Crane anda para trás feito caranguejo", publicada no suplemento "Mais!", encarte cultural de "O Estado de São Paulo". Em tom irônico e agressivo, Tolentino afirma ficar pasmo e, a seguir, pergunta:

Será que absolutamente tudo o que o grande americano fez em 140 palavras magistralmente agenciadas escapou a um tão vetusto e erudito inspetor de poesia, inclusive a de língua inglesa? Em todo caso, este consegue fazer da surpreendente dry directness irrompendo em: As, perched in the crematory lobby, / the insistent clock commented on, a empertigada flacidez de Iguais às que, no crematório, / Do alto o relógio remoía. (TOLENTINO, 1994)

Como compreender esse ataque como crítica apenas? Como tomá-lo objetivamente, sem que a interpretação advinda desse processo não esteja impregnada de ideologias? Será isso, *post factum*, possível? Por que Tolentino não apenas atacou a tradução, mas também preferiu ir mais além e atacar a pessoa do poeta e tradutor Augusto de Campos? Até que ponto o jornal, onde a crítica foi publicada, compactuou com esse tipo de ataque?

Primeiro é preciso reconhecer que a crítica parece ter ultrapassado os limites da razão crítica. Marcelo Coelho (1994), articulista da *Folha de São Paulo*, mesmo tomando, de algum modo, a defesa de Bruno Tolentino, reconhece que Tolentino “dirigiu, no encarte de cultura de *O Estado de S. Paulo*, uma crítica feroz à tradução feita por Augusto de Campos”. E um pouco mais adiante afirma que “O tom do artigo de Tolentino é simplesmente repulsivo. Reúne duas características comuns a certos segmentos intelectuais brasileiros: o gosto pela exibição erudita e o gosto pela cafajestada.”. Tolentino não apenas foi deselegante, mas injusto com Augusto de Campos.

Num ato de superioridade e soberba, por ter vivido na Inglaterra, Tolentino chegou, em seu artigo, a desafiar Augusto a declamar o poema de Crane. Aqui, pode-se evidenciar

aquela característica moral hipócrita, pois, segundo Nick Burns (2019) “o inglês de Tolentino também não era perfeito - a certa altura, em uma de suas frequentes interpolações de uma frase em inglês adequada, ele pronunciou "prophetic" com um f<sup>25</sup>. Outro fato que depõe contra o que Tolentino sempre espalhou, por aqui, é referente a sua relação com o poeta Auden. Ainda, para Burns,

Durante esse período, Tolentino afirma ter feito amizade com W.H. Auden e o poeta italiano Giuseppe Ungaretti, pai de dois filhos, lecionou nas universidades de Bristol e Essex, se casou com uma mulher brasileira e dirigiu a pequena editora de Auden em Oxford após a morte do poeta. Mas o órgão editorial ao qual Tolentino estava associado, Oxford Poetry Now, parece não ter conexão direta com Auden ou com Oxford Poetry, uma revista já extinta que Auden havia editado quarenta anos antes<sup>26</sup>. (BURNS, 2019)

Esta capacidade de alegar algo, ainda que falso, para estar num patamar cultural e intelectual, não soa distante. O Presidente Jair Bolsonaro, em 8 de abril de 2019, numa tentativa de impressionar os seus seguidores nas redes sociais bem como os seus partidários, publicou no Twitter<sup>27</sup> uma postagem em que afirmava que o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, era “doutor”. O então empossado governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, havia incluído Harvard em seu currículo sem nunca ter estudado lá<sup>28</sup>.

É também relevante, de alguma maneira, a reação-resposta de Augusto de Campos a Tolentino. Ela se deu em 14 de setembro de 1994, no jornal *O Estado de São Paulo*<sup>29</sup>. Nesta, Augusto diz que “não se pode confundir, no entanto, divergência com violência e crítica com coice”. Nesta perspectiva, o concretista está mesmo correto. Mas, então, emocionalmente abalado, caiu na armadilha ideológica de Tolentino e, em vez de apenas criticar as questões literárias (a tradução de Augusto é realmente melhor do que a de Tolentino, do ponto de vista

<sup>25</sup> Tradução nossa.

<sup>26</sup> Tradução nossa.

<sup>27</sup> Ver: AMADO, G. **Currículo do novo ministro da educação não inclui doutorado, como disse Bolsonaro**. Época, 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/curriculo-do-novo-ministro-da-educacao-nao-inclui-doutorado-como-disse-bolsonaro-23582296>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>28</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. **Witzel inclui Harvard em currículo sem nunca ter estudado na universidade**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/witzel-adicionou-ao-curriculo-passagem-por-harvard-mas-nao-estudou-na-universidade.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>29</sup> DE CAMPOS, A. **Augusto de Campos responde à crítica**. Folha de São Paulo. São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/14/ilustrada/7.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

estético), partiu também para ataques pessoais e, de algum modo, utilizou-se de argumento de autoridade. E de certo autoritarismo, pois, praticamente, pediu a cabeça de João Moura Jr., então editor da seção “Cultura”, alegando que ele não tinha “nível intelectual nem responsabilidade para ocupar o posto que ocupa nesse prestigioso jornal”. Somado a isso, em anexo, um abaixo-assinado condenando a “crítica feroz” de Bruno Tolentino, assinado por aproximadamente 70 intelectuais, artistas e mesmo políticos brasileiros.

A partir de uma perspectiva kantiana, a atitude de Augusto também é condenável. Este de-bate-boca rendeu. E páginas e mais páginas de jornais, durante bom tempo, trataram do assunto, em que partidários de ambos lados saíram na defesa de um e outro. Estava aberto definitivamente *in totum* o ringue para as disputas na área cultural e intelectual entre a direita, representada por Tolentino e seus defensores, e a esquerda, de Augusto e seus defensores. Algumas consequências desse embate antológico vieram à tona, de forma mais clara e violenta, no período que vai desde a reeleição de Dilma Rousseff até o momento atual.

Se, de algum modo, a polarização parecia já estar bastante evidente no setor cultural e artístico, agora ela atingirá um nível bastante explícito na esfera política e social. Muitos fatores contribuíram para essa explicitação, principalmente o advento e o aprimoramento das tecnologias de mídias virtuais e as funcionalidades tecnológicas dos novos celulares. Mas, talvez, nessa categoria de fatores, o acesso a múltiplas redes sociais. Grupos são formados nos quais ideologicamente cada um parece querer, sob determinada perspectiva, estar junto dos “seus”.

A frustração da elite brasileira ante a derrota de Aécio Neves e os escândalos que vinham à tona envolvendo os governos petistas, como o Mensalão e os escândalos de corrupção das empreiteiras e da Petrobrás, a instabilidade política instalada pós-eleição, a economia caminhando para uma possível recessão, as novas manifestações populares nas ruas, multivariadas e complexas, com interesses heterogêneos e mesmo antagônicos, o Congresso Nacional articulando derrubar, astuciosamente, a Presidente eleita democraticamente, etc., tudo isso estava contribuindo para um enfraquecimento da esquerda, já fragilizada e fragmentada desde a reeleição de Lula, por intrigas internas e o escândalo do Mensalão<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Sobre a cronologia do Mensalão na mídia, ver: MEMÓRIA GLOBO. **O escândalo do mensalão**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/mensalao/denuncia-de-corrupcao-nos-correios.htm>. Acesso em: 20 nov. 2019.

O PT parecia não mais, naquele momento, atender às demandas de vasta parte da população, tanto do ponto de vista ético-moral quanto do ponto de vista da governabilidade política. A direita conservadora, a extrema direita, boa parte dos liberais e de liberais “xinglings”<sup>31</sup>, dos evangélicos, parte dos judeus que vinha flertando com a extrema direita, em um verdadeiro contrassenso, a ala radical da Igreja Católica, etc., estavam tendo uma oportunidade imperdível de tomar o poder de forma, inicialmente antidemocrática com aparência de democrática, e, posteriormente, através de novas eleições democráticas, e não só!, pois poderiam atacar, de uma só vez, aquela esfera social em que a esquerda parecia, a seus olhos, ter hegemonia plena: a artística e cultural.

Era preciso então nomear e distinguir os inimigos, apontá-los, listá-los. Estava, assim, iniciada, de alguma maneira, a prática fascista de atacar, um por um, os seus inimigos, usando uma propaganda difamatória, falsa, baseada em alteração de verdades fatuais, as *fake news*. As redes sociais serviriam de meio rápido, de longo alcance e eficaz. Um inimigo certo, outra vez, tal qual na Alemanha nazista e na Itália fascista seria o “comunismo” e tudo que a ele fosse associado: a cor vermelha, Cuba, China, Coreia do Norte, Rússia, etc. Nesta investida, *a priori*, a História teria que dar alicerce a *Wille zur Macht* da nova direita brasileira e os seus aliados, por isso, alguns fatos, como os próprios fascismo e nazismo, teriam que ser não só interpretados como de esquerda, mas serem indiscutivelmente defendidos e denunciados como de esquerda<sup>32</sup>. A “ameaça comunista” é fascista e nazista e, claro, esquerdista.

Este “tudo” que for contrário à ideia do que é defendido pela ideologia de vasta parte direita brasileira passou a ser tomado como de “esquerda”. Não demorou muito para que, inclusive, as universidades federais passassem a ser um alvo de ataques de ideólogos e demagogos. Mas seria esse ataque violento e vil às instituições públicas de ensino superior algo novo na direita brasileira – principalmente, a sua versão elitista? Não, certamente. O atual mentor da direita nessas questões é Olavo de Carvalho que, apesar de e possivelmente

---

<sup>31</sup> Termo cunhado pelo autor para denominar aqueles pseudoliberais que vivem a gastar exageradamente a palavra “liberdade” e, todavia, defendem arbitrariamente uma noção de liberalismo contraditória, muitos chegando mesmo a clamar por limitação da esfera da liberdade em defesa até de um Direito Penal mais punitivo e mais amplo, isto é, além de penas mais severas para certos crimes, clamam por mais leis penais, isto é, mais atuação do Estado.

<sup>32</sup> Ver: ALMEIDA, A. **Ernesto Araújo volta a defender que nazismo foi um 'fenômeno de esquerda'**. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/ernesto-araujo-volta-defender-que-nazismo-foi-um-fenomeno-de-esquerda-23562729>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

por não ter formação acadêmica, diversas vezes, manifestou. em suas redes sociais, o seu rancor e a sua fúria contra as universidades públicas. Ele é um “discípulo”, se assim puder ser dito, de Bruno Tolentino. Em 20 de março de 1996, Tolentino concedeu uma entrevista a Geraldo Mayrink, para a revista *Veja*, cujo título era “Quero o país de volta”. Com um ar rancoroso e de superioridade diz que “jamais educaria um filho meu numa escola ou universidade brasileira”<sup>33</sup>. Nesta mesma entrevista, ele não poupa esforços em demonizar as universidades públicas, assim se expressando ao ser perguntado se “as universidades não servem para nada”:

A escola pública desapareceu. A fórmula de sobrevivência do país é a trilogia emprego público, de preferência com aposentadoria acumulada, condomínio fechado e plano de saúde. Esse é o apartheid construído por uma elite analfabeta e totalmente irresponsável que entregou nossa cultura. Nem estou falando da nossa classe média, que tem dinheiro para gastar em boates e shows e sair de lá gargarejando cultura. (MAYRINK, 1996)

E a seguir, quando perguntado se “tem acompanhado a produção intelectual das universidades brasileiras”, ironicamente e como detentor de douta filosofia, assevera que

O departamento de filosofia da Universidade de São Paulo nunca produziu filosofia nenhuma, não por inépcia ou preguiça, mas por um estranho espírito de renúncia parecido ao espírito de porco. Cultivavam a crença de que só poderia nascer uma filosofia no Brasil “ao término de um infindável aprendizado de técnicas intelectuais criteriosamente importadas”, como diz um professor de lá. Mais urgente do que filosofar era macaquear os debates dos “grandes centros” produtores de cultura filosófica. O que significava tomar o padrão europeu do dia como norma de aferição do valor e da importância do pensamento local. Imaginando ou fingindo preservar a mente brasileira de uma independência prematura, o que os maîtres à penser da USP fizeram foi apenas incentivar a prática generalizada do aborto filosófico preventivo. Não espanta que, por quatro décadas, o “rigor” (com aspas) uspiano não produziu outro resultado senão o rigor mortis de uma filosofia que poderia ter sido o que não foi. (MAYRINK, 1996)

Anos depois, o seu admirador, Olavo de Carvalho, não pouparia esforços para continuar tal ataque, bem como o “discípulo” e admirador de Olavo, Abraham Weintraub, o atual Ministro da Educação do Governo Bolsonaro. Em seu Twitter, em 22 de março de 2019, Olavo assim se expressa: “o culto idolátrico do "currículo lattes" é o instrumento mais óbvio de controle de toda a vida cultural pelas universidades e, portanto, pelo establishment

<sup>33</sup> MAYRINK, G. **Quero o país de volta**. *Veja*, 1996. Republicada por Reinaldo Azevedo, em *Veja*, em 2017.. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/bruno-tolentino-3-na-veja-ha-11-anos-so-entro-uma-universidade-disfarcado-de-cachorro/>. Acesso em 24 nov. 2019.

comunista”<sup>34</sup>. Como se percebe, ele faz questão de deixar claro que as universidades são “comunistas”, porque o “comunismo” é o alvo a ser decididamente combatido. De maneira símile, Weintraub, sem provas, faz acusações sérias<sup>35</sup> contra as universidades, procurando associar fatos criminosos com a esquerda<sup>36</sup>.

Precisa ser intelectualmente desonesto para afirmar que nazismo e fascismo são de esquerda. Ou quer a todo custo negar um fato histórico por interesses obscuros e ideológicos nefastos, ou pior: por burrice travestida de conhecimento, maliciosamente, como estratégia política, tentar alienar os mais vulneráveis e os com diversas dificuldades para obter algum conhecimento acerca de verdades fatuais. Neste cenário, o relativismo ganha força, porque, a extrema direita e aliados políticos parecem adotar a máxima de Nietzsche de que “não há fatos, apenas interpretações.”<sup>37</sup> Esse “perspectivismo” (assim o chama Nietzsche), além de ser, de algum modo, perigoso, é destituído de qualquer racionalidade e mesmo de verdade. E é justamente essa obra em que Nietzsche ataca a razão e as verdades, num extremo relativismo, pois afirma que “não há verdades”. Ora! Se ele diz que não há verdades, então, por dedução lógica, a sua própria afirmação é falsa! Logo, existem verdades, principalmente as dos fatos! Os relativistas extremistas sempre cometem o erro fatal de acharem que tudo é relativo e, por isso, caem na própria armadilha.

Nietzsche se contradizia constantemente, mas isso não retira o seu brilho e sabedoria. Todavia, deve-se ter, portanto, consciência dessas questões. Porque é também de Nietzsche outra frase (e esta sim é impactante e realista e encontra-se em **Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen**<sup>38</sup>): “Aber der Staat lügt in allen Zungen des Guten und Bösen; und was er auch redet, er lügt – und was er auch hat, gestohlen hat er's.” (mas o Estado mente em todas as línguas do bem e do mal; e o que quer ele diga, mente - e o que

<sup>34</sup> REVISTA FÓRUM. **Em novo chilique, Olavo de Carvalho ataca universidades e diz que ‘currículos lattes’ não vale nada**. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/em-novo-chilique-olavo-de-carvalho-ataca-universidades-e-diz-que-curriculos-lattes-nao-vale-nada/>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>35</sup> FERREIRA, P. **Reitores das universidades federais querem processar ministro da Educação**. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/reitores-das-universidades-federais-querem-processar-ministro-da-educacao-24094315>. Acesso em: 28 nov. 2019.

<sup>36</sup> AZEVEDO, R. **Weintraub ataca as universidades públicas**. O é da coisa. Rádio BandNews FM. YouTube, 2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=DmO8xvXE5dU>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, F. *Op. cit.*. Tradução nossa de “gerade Tatsachen gibt es nicht, nur Interpretationen”.

<sup>38</sup> NIETZSCHE, F. **Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen**. Zeno. Disponível em: <http://www.zeno.org/Philosophie/M/Nietzsche,+Friedrich/Also+sprach+Zarathustra>. Acesso em: 20 nov. 2019.

quer que ele tenha, roubou<sup>39</sup>). Aqui, é necessário ter compreensão da relação do Estado com a verdade.

### **Fascismo enquanto religião política: a relação Estado-Verdade**

Para o Estado, a verdade interessa enquanto forma de poder, de manutenção de poder, isto é, de uma perpetuação de uma *Wille zur Macht*. Por isso, em Estados autoritários e totalitários, as verdades são vulneráveis. E os fatos também! Por quê? Porque só interessam como fato histórico real se atenderem a desejos e anseios ideológicos para a manutenção do poder.

Hannah Arendt (2013, p. 301) afirma que "na medida em que a verdade fatural se expõe à hostilidade dos defensores de opiniões, ela é pelo menos tão vulnerável como a verdade filosófica racional". E na página 298 atesta que

Vista do ponto de vista da política, a verdade tem um caráter despótico. Ela é, portanto, odiada por tiranos, que temem com razão a competição de uma força coercitiva que não podem monopolizar, e desfruta de um estado um tanto precário aos olhos de governos que se assentam sobre o consentimento e abominam a coerção. (ARENDRT, 2013, p. 298)

Quando se quer dar à verdade um lado, não só se mente, como tenta-se esconder o que ela traz à tona, porque parece incomodar, de fato e *in totum*. As verdades fatuais desmascaram as vontades de poder de populistas autoritários e todos aqueles que se pretendem semideuses e deuses. Porque elas não se sujeitam às interpretações, aos interesses de alguém. Ao serem o que são, as verdades dão à existência aquele matiz de realidade inafastável. Uns queiram, outros não, a verdade dos fatos traz em seu cerne o espírito da liberdade: é o que é. E, claro, marca a História.

Essa relação Estado-verdade se refletirá na relação Estado-Arte, porque há uma verdade na arte. Uma verdade não só estética, mas social. A arte é maior do que quaisquer Estados, convenções, suposições ou conceitos. Por ser livre em essência é que a arte consegue desestabilizar a ordem, o *status quo*, a existência em si, porque a arte - uma finalidade sem fim - denuncia, de alguma maneira, a realidade das coisas que são, denuncia arbitrariedades e abusos. Ao almejar que a arte seja adequada, moderada, sem generalização,

<sup>39</sup> Tradução nossa.

não se percebe que, sob certa perspectiva, defende-se, de alguma maneira, formas de censura. A arte não respeita fronteiras, dogmas, ideologias e poderes. Por isso é o que é e incomoda os que não conseguem conviver com a crítica, o desconhecido, o incompreensível, o diferente, a beleza, o questionamento.

A arte brilha cada vez mais quando a ignorância e a brutalidade tentam se impor. A arte já derrubou tiranias, já desmascarou bárbaros, já libertou povos da servidão. Por tudo isso e mais, é que, em Estados autoritários e Estados fascistas, ela é perseguida bem como são perseguidos os artistas. A arte, quando vista como panfletária e utilitária, pode servir a diversos objetivos, deixando de ser uma finalidade sem fim, nos moldes kantianos<sup>40</sup>, para ser um mero meio político. Para Hannah Arendt (2013, p. 272), “o elemento que liga arte e política é serem, ambos, fenômenos do mundo público”. Esta constatação é relevante porque, sendo a arte um fenômeno público, pode interferir, positivamente ou negativamente, na esfera pública. Todavia, deve ser sempre livre, sem amarras, sem ser submetida a quaisquer tipos de censura. De acordo com Immanuel Kant (2009, p. 153), “licitamente, só caberia qualificar de arte aquela produzida com liberdade”.

Para compreendermos um pouco melhor como se dá o ataque fascista à arte no Governo bolsonarista, será preciso, agora, tecer algumas considerações acerca da relação Estado-religião e, de alguma maneira, considerações sobre a relação arte e sexualidade. O Estado fascista apresenta-se como um Estado moralista, não um Estado que preze pela moral em seu sentido humano e que respeite a dignidade das pessoas, mas como um ente regulador de uma moral *ad hoc*, isto é, como ente moralizador. De acordo com Contardo Calligaris,

A distinção entre homem moral e moralizador tem alguns corolários relevantes. Primeiro, o moralizador é um homem moral falido: se soubesse respeitar o padrão moral que ele se impõe, ele não precisaria punir suas imperfeições nos outros. Segundo, é possível e compreensível que um homem moral tenha um espírito missionário: ele pode agir para levar os outros a adotar um padrão parecido com o seu. Mas a imposição forçada de um padrão moral não é nunca o ato de um homem moral, é sempre o ato de um moralizador.

Em geral, as sociedades em que as normas morais ganham força de lei (os Estados confessionais, por exemplo) não são regradas por uma moral comum, nem pelas aspirações de poucos e escolhidos homens exemplares, mas por moralizadores que tentam remir suas próprias falhas morais pela brutalidade do controle que eles exercem sobre os outros. A pior barbárie é isto: um mundo em que todos pagam

<sup>40</sup> Ver: KANT, I. Crítica da faculdade de julgar. Tradução de Daniela Botelho B. Guedes. São Paulo: Ícone, 2009.

pelos pecados de hipócritas que não se aguentam. (CALLIGARIS, 2008)

O fascismo, enquanto religião política, procura meios para a legitimação da sua violência e dos seus ataques às artes e artistas. O ataque sofrido por Chico Buarque<sup>41</sup> e amigos ao saírem de um restaurante, em 2015, os ataques a Judith Butler<sup>42</sup> quando veio ao Brasil, em 2017, os ataques ao jornalista Glenn Greenwald, na FLIP<sup>43</sup> e a agressão física durante um programa da Jovem Pan<sup>44</sup>, em 2019, e muitos outros exemplos: o que esses fatos podem ter em comum? Como características desses atos, temos o extremismo, o culto à violência com a sua banalização, a intolerância ao diferente, ojeriza ao que pode ser tido como "de esquerda", elementos de patriotismo exacerbado, fundamentalismo, conservadorismo radical. E não só! Esta é a parte visível dessas violências. É a parte fenomênica observável. Todos esses atos foram seguidos de diversas comemorações por partidários e apoiadores do Governo Bolsonaro, desde a população sem evidência e influência pública a articulistas e defensores ideológicos do *status quo*, como o pseudofilósofo Olavo de Carvalho que, em seu Twitter, assim se manifestou sobre o incidente da agressão física a Greenwald: “o Augusto Nunes descendo a porrada no Verdevaldo foi a coisa mais linda da TV brasileira ever”<sup>45</sup>. Este dito explicita uma característica importante do fascismo: o culto ao homem violento e à violência.

O culto à violência e ao homem violento vem desde os primórdios do mundo, desde quando a barbárie era a regra mor. Na Bíblia, em textos gregos antigos, como em “Os trabalhos e os dias”, de Hesíodo, temos exemplos explícitos do culto ao homem violento. Na Roma Antiga, este culto fincou as suas raízes, de forma legitimada através da força estatal, na *societati* (aqui, claro, no dativo singular), como forma de espetáculo: os gladiadores

<sup>41</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. **Chico Buarque é hostilizado e discute com opositores do PT no Rio**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1722140-chico-buarque-e-abordado-por-jovens-que-questionam-suas-posicoes-politicas.shtml>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>42</sup> Ver: GOBBI, N. **Escritora Judith Butler sofre agressão no aeroporto de Congonhas**. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/escritora-judith-butler-sofre-agressao-no-aeroporto-de-congonhas-22054565>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>43</sup> Ver: FRANCO, M. **Glenn Greenwald é alvo de protesto de moradores em Paraty durante a Flip**. Folha de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/glenn-greenwald-e-alvo-de-protesto-em-paraty-durante-a-flip.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2019.

<sup>44</sup> CORREIO BRAZILIENSE. **Augusto Nunes dá tapa na cara de Greenwald após ser chamado de "covarde"**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/11/07/interna-brasil,804572/augusto-nunes-da-tapa-na-cara-de-greenwald-apos-ser-chamado-de-covar.shtml>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>45</sup> CORREIO BRAZILIENSE. *Idem*.

saciavam o desejo de sangue e morte dos *spectatorum* (no genitivo plural), como uma diversão não só viril e vingativa, mas como um culto à força, à violência, à morte ao que denominarei agora de ἡ πολιτική τοῦ θανάτου<sup>46</sup> (a política da morte), caracterizada pela banalização da morte, isto é, a vida como mercadoria política. A vida daqueles que não são tidos como parte do grupo, daqueles que não importam, dos tomados não só como adversários, mas como um estorvo, em um processo de reificação e ausência de reconhecimento. E, indubitavelmente, diversos fatores também estão implicados neste complexo processo.

Nesta perspectiva, a História e a ciência são relativizadas para atender a anseios ideológicos e políticos. O culto ao mito do redentor, do salvador da pátria e do paladino da justiça e o culto a uma metafísica barbárica tornam-se exagerados: é preciso encontrar o inimigo da necropolítica! Os inimigos da política da morte são aqueles que defendem o humano em sua complexidade, em sua dignidade absoluta. Ora, se se chegar a defender a humanidade em cada ser absolutamente, sob os ditames da razão, é lógico e evidente que não há espaços para preconceitos e racismos. Portanto, os adeptos da necropolítica não aceitam esta possibilidade, porque ela fere a sua *Wille zur Macht*, a sua vontade de poder barbárica, a sua realização como ser ideologicamente distinto e superior.

É preciso, agora, explicar essa “distinção” e essa “superioridade”, base, de algum modo, para explicar preconceitos e racismos com relação, principalmente às artes. Desde os primos vestígios da civilização, as distinções têm por origem o fator força/poder e o fator religioso. Primeiro, porque a força bruta dos mais fortes, com a sua potencialidade de exercer violências várias, sempre foi capaz de impor vontades e arbítrios. Portanto, os mais fortes sempre tiveram à mão uma forma de exercer a vingança privada, tanto na escolha dos seus como na demarcação do que é seu. Essa relação escolha dos seus/delimitação do que é seu marcou a História da violência humana e, possivelmente, o culto ao homem violento (o termo grego ὄβριον ἄνδρες significa homem violento e já era existente nas obras antigas, como em Ἔργα καὶ Ἡμέραι<sup>47</sup>, de Hesíodo.).

O culto ao homem violento era uma forma de desprezo pela razão. A obediência

<sup>46</sup> Termo, em grego antigo, criado pelo autor.

<sup>47</sup> HESIOD. Ἔργα καὶ Ἡμέραι. Perseus. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0131%3Acard%3D1>. Acesso em: 23 nov. 2019. “Trabalhos e dias”. Todas as traduções a partir do grego antigo foram feitas pelo autor.

àqueles que eram fortes, violentos, tinham armas e poder, não era unicamente exercida por tais fatores, isto é, pelo exercício da força e da violência, mas também pela admiração que esse poder causava. Não só o medo foi capaz de engendrar o culto ao homem violento por temor à vida, mas a própria admiração que esses seres causavam por seus feitos humanos, por sua audácia, astúcia, valentia, coragem, violência, vingança. Esses homens não só se reconheciam como absolutos e autoritários, bem como passaram a sentir-se deuses, divindades, detentores de poderes divinos, poderes de decidir sobre a vida e a morte de todos os outros.

Tendo-se sentido deuses ou inventado divindades (que, em toda a História humana desde as religiões politeístas e monoteístas, apresentaram sentimentos, desejos e vontades humanos e até chegar a ter as formas humanas *in totum*, expondo iras, raivas, ódios e vinganças. A violência sempre fez parte da história dos deuses. Tanto é que muitos humanos foram mortos em nome de deuses e religiões) para justificar por que poderiam fazer tais atos violentos, tais pessoas outorgaram para si mesmas o direito de dizer o que era certo e errado, o que era justo ou injusto, com apoio na força e na violência e, mesmo, na popularidade e no carisma exercidos por suas imagens de autoridade. São devidos, de certo modo e sob certa perspectiva, às primeiras pessoas que se rebelaram contra essa autoridade da força bruta, os iniciais acessos da conquista da razão contra o império da violência e da morte. Possivelmente, tais pessoas foram muito perseguidas, como ainda hoje são. Após o nascimento do culto ao homem violento, possivelmente, deu-se o rebento dos primordiais matizes da dúvida e da desobediência civil.

De volta à atualidade, a junção da extrema direita, de alas religiosas fundamentalistas, da bancada da bala e do boi e de parte de liberais xinglings proporcionou e vem proporcionando, sem remorsos ou receios de inteligência ou ética, um ataque sem freios à razão, sob diversas formas e vertentes. Parece que cada escolhido(a) para gerir e administrar uma função pública específica tem rancor, aversão ou ódio pelo tema da função que deveria administrar. Isto é: gente que não gosta de minorias vulneráveis para pastas dessas minorias; gente que não respeita direitos indígenas para cuidar dos direitos indígenas; gente homofóbica para cuidar de direitos de LGBT; gente fundamentalista para cuidar de educação e ciência, etc.

Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos<sup>48</sup>, o Disque 100 registrou aumento de 19,12% no número de denúncias no primeiro semestre de 2019. Este dado por si só pode não dizer nada, pois é preciso uma série temporal para usar algum tipo de inferência estatística, para permitir dizer que uma variável tem relação com outra. Do contrário, é mera especulação. Mas isto lança, de alguma maneira, um alerta para o possível aumento da violência que pode advir, tendo em vista uma política que abertamente se apresenta armamentista e discriminatória.

O atual governo parece caracterizar-se, em seu cerne, pelo desprezo à razão. Primeiro, por vincular-se, desde o período eleitoral, com uma bancada religiosa fundamentalista e anticientífica e com uma extrema direita ignorante e adepta ao clã dos racismos e preconceitos vários e, depois de eleito, com a instituição declarada, através de discursos, práticas e atos, do culto à ignorância e ao homem violento, ainda que sob vestes democráticas. Dizer categoricamente que um governo se caracteriza pelo desprezo à razão possibilita explicar, de algum modo, as investidas contra tudo aquilo que a razão representou e representa para o processo civilizatório.

Como se dá sistematicamente esse ataque ao que é humano, ao que tem as suas raízes na civilização, na dignidade de cada um em particular, sem distinções? Como se dá esse ataque anti-humano contra o que a razão fundou para que se pudesse sair da barbárie, do obscurantismo, do horror? Por que se pretende, através da governabilidade legitimada, atacar o humano em sua essência, em sua materialidade social, em sua forma fenomênica de existir, como ser digno de vida e liberdade? Por que se pretende com o ataque à razão, instituir uma "verdade" única acerca da realidade fatural, a "verdade" que só serve a interesses políticos de uma *Wille zur Macht*? Que alvos seriam usados como testa-de-ferro para que este ataque sub-reptício e perigoso à racionalidade pudesse ganhar não só legitimidade pública, mas adquirir força e poder discursivos, como uma fé, por flertar com algo maior, como se fosse um dogma de uma política da religião ou de uma religião política? Por que é preciso, para tal governo, compactuar com o absurdo, com o grotesco, com o caos, todavia, num paradoxo e numa contradição interna, sob o lema da ordem, do progresso, do avanço econômico, ainda

---

<sup>48</sup> MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Disque 100 registra aumento de 19,12% no número de denúncias.** Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/novembro/disque-100-registra-aumento-de-19-12-no-numero-de-denuncias>. Acesso em: 27 nov. 2019.

também sob a defesa do que é o "certo", de que há um lado "errado"?

Se se compreender que a razão foi, de alguma maneira, a responsável pela civilidade, pelo avanço civilizatório – e, aqui, neste sentido, de acordo com o conceito de civilização de Antonio Cicero<sup>49</sup> – e não mero progresso técnico-científico, isto é, ao avanço da categoria da dignidade humana como norteadora de todo e qualquer princípio ético e moral, de toda prática, ato, discurso, isto é, representação fenomênica do que se apresenta como liberdades e direitos e garantias fundamentais, isto é, como um portento social onde todo e qualquer ser humano deve ser respeitado e tratado com dignidade, compreender-se-á que o ataque à razão não é só um ataque a uma questão filosófica ou sociológica, mas uma agressão violenta ao próprio humano como ente universal civilizado merecedor de vida e liberdade.

Neste sentido, ainda, pode-se afirmar que a defesa da razão está intimamente ligada a todos os valores que tornam a vida um bem maior, acima até mesmo da liberdade. O ataque violento à razão é uma agressão barbárica à vida, à civilização, às liberdades, à educação, às diferenças, às igualdades, à ciência, à existência, à natureza, à cultura, às artes, à filosofia, às verdades fatuais, à crítica. E, conseqüentemente, o culto à violência, ao obscurantismo, à mentira histórica, ao relativismo absoluto, à ignorância, à intolerância, aos preconceitos, aos racismos, à morte, culto evidenciado fenomenicamente através dos ataques violentos, através de medidas político-administrativas, a professores, a artistas, cientistas, intelectuais, adversários políticos, grupos sociais, minorias vulneráveis, ONGs ambientalistas e outras, etc.

A negação da ditadura, por exemplo, por interesses pessoais e ideológicos, pois ainda que o atual Governo tenha sido eleito democraticamente faz questão de explicitar a sua face militarizada, pondo, em diversas pastas governamentais importantes, militares das Forças Armadas; a perseguição aos tidos como “comunistas” (qualquer um que passe a criticar o Governo é *a priori* tido como “vermelho”, “comunista”, “esquerdista”); aos partidos e militantes de esquerda (tentativa de criminalizar partidos de esquerdas e movimentos sociais), os ataques à educação e às universidades (redução drásticas de recursos com o intuito de diminuir a produção acadêmica, mas não só, com o interesse de engendrar a

---

<sup>49</sup> Ver: CICERO, A. **Da atualidade do conceito de civilização**. In: \_\_\_\_\_. RIBEIRO, Antonio Pinto. A urgência da teoria. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p.291-314. Disponível em: [https://www.academia.edu/6869391/DA\\_ATUALIDADE\\_DO\\_CONCEITO\\_DE\\_CIVILIZA%C3%87%C3%83O](https://www.academia.edu/6869391/DA_ATUALIDADE_DO_CONCEITO_DE_CIVILIZA%C3%87%C3%83O). Acesso em: 25 de nov. 2019.

privatização do ensino superior; bem como a tentativa de passar uma imagem distorcida da realidade universitária, expondo o ambiente universitário como um antro de “vadios” e “usuários de drogas”, bem como cerne do pensamento “esquerdista”), os ataques às instituições de pesquisa e de dados estatísticos (promoção de discursos que atacam as instituições, como IBGE, INPE, INMETRO, bem como retaliações contra aqueles que nestes órgãos se manifestam contrários a tais discursos distorcidos e ideológicos) como os ataques nefastos à liberdade de expressão e de crítica (negação do Chefe do Estado de responder às entrevistas, muitas vezes, por se sentir incomodado com a razão crítica e a liberdade de imprensa) bem como à liberdade de imprensa (tentativa discursiva de manipular a massa para a criminalização de jornalistas e extinguir jornais, bem como o ataque aberto a diversos jornais e revistas, não só através da redução de verba, mas pela demonização do jornalismo como um todo), tudo isso mostra, de algum modo, como táticas fascistas podem ser empregadas para empreender uma necropolítica.

E ainda os ataques às ciências, à filosofia (a propagação de que o trabalho prático é vital; o desprezo pelas atividades humanas mais relacionadas com o pensamento, com a crítica), à sociologia, às verdades fatuais históricas, os ataques aos direitos de minorias vulneráveis, principalmente indígenas (questões sérias de ausência de interesse em proteger a população indígena e promoção arbitrária discursiva da violência contra tal minoria, por dar credibilidade e apoio ao uso de terras indígenas) e LGBT (tentativa de barrar quaisquer projetos de lei ou políticas públicas que tenham como objetivo diminuir a violência e o preconceito contra os LGBT), os ataques às políticas públicas referentes à preservação do meio ambiente (negação do desmatamento florestal, apoio à caça, e liberação inescrupulosa e desenfreada de pesticidas), o culto à política armamentista, a identificação absoluta com ideologias religiosas fundamentalistas como norteadoras de atos e práticas políticos, o ataque à saúde pública, e, claro, o culto à ignorância (atacando, sistematicamente, a fim de criminalizar as artes, os artistas, os intelectuais) e ao homem violento (na defesa absoluta da liberação desmedida de armas para “todos” bem como a apologia à tortura e aos que dela fizeram uso), etc., tudo isso e muito mais evidenciam a ineficácia e ineficiência do Governo para considerar e preservar a racionalidade como fundamento da civilização. Os ataques sistemáticos à razão agora se dão por uma ideia nefasta de um chauvinismo sem limites e de que a esfera humana está politicamente abaixo de um possível deus detentor de uma suposta

verdade redentora, a da ideologia caricata e perigosa daqueles que odeiam a realidade dos fatos. Nada disto é possível sem a legitimidade de um séquito que venha a acreditar cegamente nas próprias mentiras e em absurdos, que emotivamente seja capaz de pensar criticamente e fazer reflexões reflexivas (aqui, pensando com Pierre Bourdieu) sobre si e o mundo exterior.

A ideia fascista se pretendia religiosa, isto é, quando Mussolini elaborou a sua *Dottrina del Fascismo*, ele deixou explícito que o fascismo deve ser compreendido como uma religião. No plano político, isto significa que a doutrina fascista precisa de pessoas que acreditem nela, na ideia fascista, de forma ativa, isto é, no Estado fascista, nas suas doutrinas, nas suas ordens, nas suas leis, nas suas arbitrariedades, na sua violência, na sua injustiça. É preciso crer que o Estado fascista salvará o indivíduo já anulado e reificado a serviço de uma *Wille zur Macht*. Deste modo, expressou-se Mussolini:

Lo Stato fascista non rimane indifferente di fronte al fatto religioso in genere e a quella particolare religione positiva che è il cattolicesimo italiano. Lo Stato non ha una teologia, ma ha una morale. Nello Stato fascista la religione viene considerata come una delle manifestazioni più profonde dello spirito; non viene, quindi, soltanto rispettata, ma difesa e protetta.<sup>50</sup> (MUSSOLINI; GENTILE, 1932)

Notem a parte final: "no Estado fascista, a religião é considerada uma das manifestações mais profundas do espírito; portanto, não é apenas respeitada, mas defendida e protegida"<sup>51</sup>.

Esta defesa da religião pelo Estado, esta ligação íntima Estado-Religião precisam ser compreendidas de forma crítica. O fascismo e o nacional-socialismo proporcionaram acriticamente a validação de características religiosas nas políticas públicas, sobretudo quando promoveram a defesa exacerbada da pátria e, no caso do nazismo, da raça. O Estado se confunde com o ente metafísico. A grande glória passa a ser a glória estatal, porque o Estado está acima de tudo enquanto ente político e, acima de todos, enquanto elemento religioso. O "estar acima" é uma forma explícita de que a religião estatal e o Estado não respeitarão anseios democráticos. A democracia é inimiga de autoritarismos e teocracias. "Estar acima" significa desprezo pelas garantias e direitos fundamentais. Neste sentido, os mais vulneráveis, aqueles que não se enquadram no viés religioso estatal, passam a ser

<sup>50</sup> MUSSOLINI, B.; GENTILE, G. *Op. cit.*

<sup>51</sup> Tradução nossa.

tratados com indiferença e desprezo. Mas não só: passam a ser vítimas de violências várias. Em nome da fé estatal, acima de tudo e todos, numa religiosidade política.

Vistas sob esta perspectiva, as religiões não se amalgamam necessariamente a entes divinos metafísicos. Como nunca se materializou a divindade para todos, ao mesmo tempo e publicamente, sem mistérios, as pessoas passaram a creditar e a acreditar nos "enviados", aqueles que se dizem representantes do ente divino. Como bem sinalizou Eric Voegelin, na política moderna verifica-se a emergência de homens cultuados como divinos, com uma missão messiânica apocalíptica capaz de mobilizar as massas através de um sentimentalismo religioso. Em *The Political Religions*, Voegelin (2000) afirma que "men can let the contents of the world grow to such an extent that the world and God disappear behind them, but they cannot annul the human condition itself"<sup>52</sup>. Como não podem anular a condição humana, quando as massas despertam do transe transcendental, a divinização cai por terra. Os defeitos, as falhas, os arbítrios, as cicatrizes dos atos e discursos são expostos, a crença é desfeita. Todavia, o rastro de dor, ódio, violências e misérias permanece.

Os "enviados", os "escolhidos", estandartes da esperança e salvação, na esfera terrena, poderão então ser (re)presentados por um pastor, um profeta, um político carismático, um tirano, um rei, o Estado, a pátria, o proletário, ou qualquer outro mito, objeto de crença e fé, que se proclame "enviado" ou "representante" do além ou, ainda, aquela pessoa e/ou aquilo que as massas, os séquitos de fiéis queiram determinar, através de suas crenças, como portadores da esperança, da salvação, pelo convencimento e percepção - sem quaisquer reflexões reflexivas - do sagrado. Tornando-os "sagrados", as massas passam a cultuá-los. A crítica passa a ser desprezada ou ridicularizada. O irracionalismo arbitrário passa a contestar as verdades fatuais. E a sua arma é simplesmente a violência, nos moldes de um Sorel ou de um Maquiavel, com os fins justificando os meios. Procura-se inclusive em textos sagrados, arbitrariamente e irresponsavelmente, encontrar passagens e fragmentos que possam legitimar e justificar os seus atos de violência sagrada.

Assim, teremos todos os elementos essenciais de uma religião: fé irracional, *mitopoiesis*, messianismo, simbolismo, ritos, ascetes, conversão, catarses, sacrifícios, devoção, martírios, fanatismos, intolerâncias-tolerâncias, a eterna luta entre o bem e o mal.

---

<sup>52</sup> "Os homens podem deixar o conteúdo do mundo crescer a tal ponto que o mundo e Deus desaparecem por trás deles, mas não podem anular a própria condição humana". Tradução nossa.

A questão é que o mal é visto como irreduzível: é o outro, o diferente, aquele que não crê na religião política.

No âmbito político, os elementos religiosos servem de sustentáculo para a tática propagandística. A criação de mitos, os salvadores da pátria, os paladinos da justiça, os ungidos, os perseguidos, os humilhados, todos os portadores da boa nova. Tenta-se, deste modo, instituir a política como religião como algo advindo do além pelo Ser Supremo, sempre seletivo e perseguidor. É preciso propagar as ideias dessa religião! O Estado atua como o evangelizador, como o agente moralizador. As outras ideologias políticas são o mal a ser peremptoriamente combatido. E, por isso, são elas perseguidas até serem extintas do plano político, isto é: a boa nova é o partido único. É o que, de algum modo, procuram defender ou instituir. A religião única! A do Estado, claro! E isto significa querer controlar as ações e discursos dos cidadãos(ãs). Os que não compactuam com a doutrina religiosa são perseguidos. Aqui, vale a pena lembrar para o que nos alerta John Stuart Mill (2003, p. 121) em *On Liberty*: “all attempts by the State to bias the conclusions of its citizens on disputed subjects, are evil”<sup>53</sup>.

Em 1976, Marcos Kaplan afirmou peremptoriamente (quase como um oráculo dogmático) que "el fascismo ha llegado a América Latina" e que "se ha instalado y entiende perpetuarse para sempre, porque por su naturaleza y sus resultados, el fascismo aspira a la eternidad". Comparem criticamente a realidade fática da atualidade com o que ele disse nos anos 70. Notem as características, os traços essenciais do regime fascista na América Latina. Kaplan atesta que

Consolidación de esta élite oligárquica y de su sistema de alianzas, reforzamiento de la intervención estatal y redefinición de su aplicación, ideología desarrollista, utilización específica de la ciencia y de la tecnología y cooptación de ciertos sectores de la tecnoburocracia, reorientación del sistema educativo, recursos crecientes a formas simbólicas de poder, militarización del poder, universalización de la coacción y elaboración de un nuevo orden político.<sup>54</sup> (KAPLAN, 1976)

<sup>53</sup> "Todas as tentativas por parte do Estado de influenciar as conclusões dos cidadãos em matéria de assuntos controversos são malignas". Tradução nossa.

<sup>54</sup> “Consolidação dessa elite oligárquica e de seu sistema de alianças, reforço da intervenção estatal e redefinição de sua aplicação, ideologia desenvolvimentista, uso específico da ciência e tecnologia e cooptação de certos setores da tecnoburocracia, reorientação do sistema educacional, recursos crescentes para formas simbólicas de poder, militarização do poder, universalização da coação e elaboração de uma nova ordem política”. Tradução nossa.

## Arte e artistas sob ataques fascistas

Como então essas características fascistas manifestam-se em atos fascistas na sociedade brasileira atual? Como a arte é, entre tantos alvos, um alvo primordial, por serem os artistas, em maioria, um grupo que não compactua com a necropolítica do governo bolsonarista?

Voltando no tempo, no regime implantado com o golpe de 1964, alguns artistas não só desafiaram o autoritarismo vigente no período como foram mesmo tomados como inimigos do *establishment*. Entre esses, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque tiveram e terão significativo e relevante papel nas defesas das liberdades democráticas e, por isto, foram, várias vezes, alvos das políticas governamentais, mas não apenas. Foram, de algum modo, perseguidos por serem artistas populares e terem, diretamente ou indiretamente, ligação com posições políticas de esquerda. Esse patamar “populista” é importante, porque ele será invocado, muitas vezes, por pensadores e demagogos da direita, para invalidar o gênio<sup>55</sup> artístico de cada um, como se eles produzissem uma arte menor, uma não-arte.

Neste sentido, é que Bruno Tolentino ataca Caetano Veloso em sua já citada entrevista para a *Veja*. Para ele, Caetano seria um artista apenas do “show biz” e não poderia estar no mesmo patamar de poetas tidos como tipos ideais da grande arte. Ele se incomoda com o fato de o cantor e compositor baiano ter sido tema de tese acadêmica e, assim, expressa-se

Ele está também virando tese de professores universitários. Tenho aqui um livro, *Esse Cara*, sobre Caetano, uma espécie de guia para mongolóides, e a mesma editora desse livro me pede para escrever um outro, sob o título *Caetano Se Engana*. É preciso botar os pingos nos is. Cada macaco no seu galho, e o galho de Caetano é o show biz. Por mais poético que seja, é entretenimento. E entretenimento não é cultura. (MAYRINK, 1996)

Do mesmo modo, Caetano será atacado por Olavo de Carvalho nas redes sociais. Este propôs retoricamente, em um de seus textos<sup>56</sup>, no Facebook, (2018), que, se Bolsonaro

<sup>55</sup> Aqui, usa-se o termo “gênio” no sentido kantiano: “gênio é um talento para produzir aquilo para o qual não cabe dar uma regra determinada, e não uma aptidão para aquilo que se pode aprender mediante alguma regra; por conseguinte, que a originalidade precisa ser sua qualidade primeira.”. Ver: KANT, I. *Op. cit.* p. 157.

<sup>56</sup> O texto completo pode ser lido em e sua página no Facebook bem como nas páginas, também no Facebook, dedicadas a ele, por seus seguidores. DE CARVALHO, O. **O que cai com a ascensão do Bolsonaro**. Fanpage

for eleito, pós-posses, os seus opositores deveriam ser não apenas derrotados nas urnas, mas totalmente destruídos enquanto grupos, organizações e até indivíduos. Afirmou mais: que os que consideram Bolsonaro uma ameaça à democracia não estão lutando para vencer uma eleição, mas “pela sobrevivência política, social e até física”. Ante tal texto, Caetano Veloso deu-lhe uma resposta<sup>57</sup>, na Folha de São Paulo, convidando os cidadãos e cidadãs nacionais a repudiar a postura autoritária de Olavo de Carvalho.

O ataque dos bolsonaristas a Caetano não se limitará apenas à sua arte ou à sua posição política. Como visto no texto de Olavo, os inimigos do bolsonarismo precisam ser “destruídos”, fisicamente até! Aproveitando-se de que Caetano havia casado com Paula Lavigne quando esta era menor de idade, Flávio Morgenstein, articulista midiático e escritor, criou a hashtag #CaetanoPedofilo e propagou-a entre os seus seguidores que, irracionalmente, espalharam-na pelo Brasil, com um efeito devastador sobre a reputação do artista baiano. Juntaram-se a Flávio, nessa empreitada covarde, ainda que de forma independente, Olavo de Carvalho e o Movimento Brasil Livre (MBL), todos processados<sup>58</sup> por Caetano.

A posição agressiva que Olavo de Carvalho assume em seu texto contra os inimigos do bolsonarismo precisa ser compreendida melhor. Para Burns,

O contorno geral das visões de Carvalho é do conservadorismo social tradicionalista combinado com uma crítica libertária do socialismo que não se estende à defesa das forças do mercado, mas dificilmente coexiste com desconfiança com a suspeita dessas forças como uma tentativa sinistra de minar o Estado-nação. Carvalho varia amplamente, mas a sua expertise é polêmica e crítica: ele não faz nenhum esforço para delinear um regime que poderia evitar a planificação estatal e comprometa as liberdades individuais, simultaneamente em que resiste à globalização e mantém uma ordem social tradicional.<sup>59</sup> (BURNS,

Oficial. Facebook, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/1144658975686175/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

<sup>57</sup> VELOSO, C. **Olavo faz incitação à violência; convoco meus concidadãos a repudiá-lo**. Folha de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/10/olavo-faz-licitacao-a-violencia-convoco-meus-concidades-a-repudia-lo.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

<sup>58</sup> Ver: GAZETA DO POVO. **Caetano vence mais uma batalha na Justiça: o alvo agora é Olavo de Carvalho**. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/justica/caetano-vence-mais-uma-batalha-na-justica-o-alvo-agora-e-olavo-de-carvalho-81g7rrg91qewvw2bslf6j5807/>. Acesso em: 21 nov. 2019; CORREIO DO ESTADO. **Chamado de pedófilo, Caetano Veloso processa MBL e Alexandre Frota**. Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://www.correiadoestado.com.br/brasilmundo/chamado-de-pedofilo-caetano-veloso-processa-mbl-e-alexandre-frota/313810/>. Acesso em: 21 nov. 2019; REVISTA FÓRUM. **Justiça manda “hater” indenizar Caetano Veloso por acusação de pedofilia**. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/justica-manda-hater-indenizar-caetano-veloso-por-acusacao-de-pedofilia/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

<sup>59</sup> Tradução nossa.

2019)

Olavo de Carvalho se proclama intelectual e autodidata. A sua ausência dos meios acadêmicos fez com que ele engendrasse uma consciência de si anti-intelectualista e antiacadêmica. A sua crítica às instituições democráticas e relacionadas com a cultura e intelectualidade não deve ser tomada apenas como caricata, tal qual ele foi considerado por muito tempo. Todavia, tomá-lo por caricato é ser descuidado ante a sua intenção ideológica. É não perceber, desde a sua aparição pública como escritor, a sua real necessidade de expandir os seus campos de possibilidade (aqui, pensando com Michel Foucault<sup>60</sup> e Pierre Bourdieu), como sujeito detentor de poder e que tem vontade de poder nesses campos.

Neste sentido, está-se, aqui, a concordar com o que Michel Foucault afirma, ao traçar os liames entre sujeito e poder e as relações de lutas para expandir os campos de possibilidade do sujeito, pois que

O principal objetivo dessas lutas é atacar não tanto "tal ou tal" uma instituição de poder, ou grupo, ou elite, ou classe, mas sim uma técnica, uma forma de poder. Essa forma de poder se aplica à vida cotidiana imediata, que categoriza o indivíduo, marca-o por sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe a ele uma lei da verdade que ele deve reconhecer e que outros devem reconhecer nele. É uma forma de poder que torna indivíduos sujeitos. Existem dois significados da palavra "sujeito": sujeito a outra pessoa por controle e dependência; e atado à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento.<sup>61</sup> (FOUCAULT, 1982, p. 781)

Nesta perspectiva, o repúdio rancoroso e violento aos intelectuais e artistas é, de alguma maneira, um atentado à humanidade. Esta é uma prática fascista porque ela quer não apenas ferir a dignidade humana de uma pessoa, mas quer mais: quer reificá-la, torná-la coisa, instrumentalizá-la, transformá-la em mero meio. Só as sociedades bárbaras e as fundamentalistas têm como meta a destruição da cultura e do legado do saber humano. Só essas sociedades preferem as distorções da realidade à realidade fatural, às ciências, como forma de impor dogmas, mentiras e ideologias perniciosas e antidemocráticas, cerceando e impedindo violentamente as liberdades de pensar, de expressão e de imprensa.

O ataque explícito à intelectualidade e à arte não é, portanto, apenas um ataque à razão crítica. Tudo aquilo que quer esquivar-se da crítica deve ser tomado como suspeito e

<sup>60</sup> Ver: FOUCAULT, M. The Subject and Power. **Critical Inquiry**, 1982, vol. 8, n.º. 4. The University of Chicago Press/Justor, Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343197?seq=1>. Acesso em 18 nov. 2019.

<sup>61</sup> Tradução nossa.

perigoso, num Estado democrático de direitos. Expondo as características do fascismo, Umberto Eco afirma que

A desconfiança do mundo intelectual sempre foi um sintoma do fascismo original<sup>62</sup>, desde a alegada declaração de Goering ("Quando ouço falar de cultura, pego minha arma") até o uso frequente de expressões como "intelectuais degenerados", "cabeças-de-ovo" "esnobes estéreis", "as universidades são um ninho de vermelhos"<sup>63</sup>. (ECO, 1995)

Por que os artistas e intelectuais incomodam tanto aqueles que simpatizam e flertam com a ideologia fascista? Porque eles são capazes de denunciar, e muitas vezes denunciam, arbitrariedades, desumanidades, injustiças, violências, porque têm uma voz voltada para o que os latinos chamavam de *civilitas*, palavra que, originariamente, tinha vários significados, principalmente "política", "a arte/prática do governo", "cortesia", "civildade", "moderação", "contenção". Ser civilizado é ser moderado, seguir, ainda que seja difícil, os ditames da razão, ver o outro sempre com dignidade e respeito, compreender que cada ser humano é um fim em si mesmo e, por isso, merecedor de ser livre, igual ou diferente, de expressar-se, de ter a sua vida preservada por todos.

Os artistas - é preciso, aqui, pontuar o fato de que "ser artista" não implica uma garantia *a priori* de que se é um ser digno, ético, humano, que venha a defender a vida e a humanidade *in totum*. A história do fascismo e do nazismo está marcada por intelectuais e artistas que apoiaram incondicionalmente tais ideologias - prezam pela civilidade. Foram/são eles que, na história da humanidade, denunciaram/denunciam barbaridades e atrocidades, despotismos, autoritarismos, violências várias, foram/são eles que levantaram/levantam a voz em defesa daqueles que não têm força e vez na esfera pública das ideias e dos conceitos, na esfera política, são eles que além de ter lançado/lançar beleza e brilho ao processo civilizatório, têm erguido a humanidade ao patamar da racionalidade.

Os que atacam violentamente os artistas são os que, de algum modo, parecem amar as irracionalidades, são os que pregam que livros sejam queimados, que obras de artes sejam destruídas, que pregam a censura, que pregam a violência como forma exclusiva de diálogo, que pregam a supremacia do mais forte sobre o mais fraco, que aceitam a opressão ou

---

<sup>62</sup> O prefixo inglês *Ur* (escrito, geralmente, com a *U* maiúscula) tem origem germânica e significa "primevo", "originário", "original", "primitivo", "prototípico". Optou-se, neste trabalho, por "original", porque remete à ideia de "origem" e também de "ineditismo".

<sup>63</sup> Tradução nossa.

silenciam diante de mazelas cruéis, travestidas, muitas vezes, de questões meramente econômicas e políticas. Quando o Estado assume esse papel de agressor, pode-se, de alguma maneira, ser suspeito de estar flertando com práticas fascistas.

Em 1644, John Milton já alertava, em seu discurso crítico *Areopagítica*, em defesa das liberdades de expressão, prensa e imprensa, que “the State shall be my governours, but not my criticks.”<sup>64</sup>. Enquanto políticos extremistas e religiosos fundamentalistas, usando a força estatal, desrespeitando o Estado laico, acharem autoritariamente que devem controlar moralmente artistas, intelectuais, a sociedade civil, isto indica que os cidadãos e cidadãs devem ligar o alerta humanitário, pois pode-se estar caminhando não só para a servidão, mas para a nulidade plena da dignidade humana, em um processo de reificação cruel e torturante. Em seu primeiro discurso<sup>65</sup>, durante a posse presidencial, Jair Bolsonaro afirma que “o Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas”, isto é, para ele, o Brasil não-bolsonarista está impregnado por uma ideologia comunista, o alvo a ser combatido. E, pouco depois, acrescenta que a sua campanha “forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. A exaltação explícita de um patriotismo exagerado (porque está “acima de tudo”!) e de uma vontade de poder para, “acima de todos”, “colocar” uma governabilidade teocrática. Mesmo que tenha dito “respeitar as religiões”, imediatamente complementa “e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero”.

Faz-se necessário compreender o porquê deste acréscimo, pois ele quer deixar, de forma clara e explícita, que governará respeitando não todas as religiões e não para aqueles que não têm religião. Essa perspectiva parece amalgamar-se ideologicamente ao que ele defendeu em sua vida inteira como pessoa pública política. E este discurso, elaborado não mais no calor do resultado das eleições, poderia disfarçar as reais possíveis intenções da sua *Wille zur Macht*, pois basta que se analise, com certo comedimento e cuidado, o segundo discurso imediatamente após o resultado das eleições<sup>66</sup>. De partida, sobre a mesa, há quatro livros, uma Constituição Federal, um de Churchill, um exemplar da Bíblia e de um dos livros de Olavo de Carvalho, para deixar explícito o viés ideológico que seguirá afirmando e

---

<sup>64</sup> “O Estado deve ser meu governante, mas não o meu crítico”. Tradução nossa.

<sup>65</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. *Op.cit.*

<sup>66</sup> FANTÁSTICO. GLOBO PLAY. **Presidente eleito Jair Bolsonaro faz seu primeiro pronunciamento após resultado**. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7120988/>. Acesso em 26 nov. 2019.

reafirmando. Bolsonaro cita o versículo bíblico<sup>67</sup> "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", justamente para fundar e fundamentalizar o que está por vir. A seguir, diz que não existe outro caminho senão o da verdade. Perguntar-se-á: a que verdade ele se refere? A verdade das crenças e ideologias dele. Não demora em afirmar que a grande mídia estava criticando o tempo todo. Ora, a crítica é um pressuposto democrático. Somente autoritários buscam esquivar-se da crítica<sup>68</sup>. Para não deixar dúvidas qual o seu alvo principal, diz, com um erro de português "não poderíamos mais continuar "fretando" (em vez de "flertando") com o socialismo, com o comunismo e com o populismo e o extremismo da esquerda". Reafirma, então, que "seguindo os ensinamentos de Deus", irá governar.

Tanto o discurso da posse quanto o segundo discurso após o resultado das eleições estão, ambos, com uma retórica comedida, porque o próprio formalismo das duas ocasiões, assim, parece tê-lo exigido. As menções à obediência à Constituição Federal bem como a um governo de "liberdades" parecem tentar encobrir o lado autoritário, fundamentalista e antidemocrático do eleito. A análise do primeiro discurso<sup>69</sup> imediatamente após o resultado final das eleições revela, sob diversos aspectos, como virá a se delinear, de algum modo, o futuro governo. De imediato, cita o versículo "conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Depois de dizer que governará democraticamente, diz que fará isso porque é um "juramento a Deus". Repete que a "verdade vai libertar este país". A verdade, possivelmente, que ele escolheu para todos, isto é, conservadora, moralista e com cerne fundamentalista. Ao tocar em "liberdade religiosa" parecia dar vez a todas as religiões e crenças e até a não

<sup>67</sup> Para uma interessante e importante análise quanto à questão do emprego desse versículo pelo Presidente, recomendo a leitura do seguinte artigo "**Trecho da Bíblia citado por Bolsonaro em ataque à Folha espelha visão de 'bem contra mal'**", de Reinaldo José Lopes, publicado na Folha de São Paulo, em 30/11/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/trecho-da-biblia-citado-por-bolsonaro-em-ataque-a-folha-espelha-visao-de-bem-contra-mal.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>68</sup> Immanuel Kant, em seu livro "Kritik der reinen Vernunft" (Crítica da Razão Pura), numa nota de rodapé, no prefácio da primeira edição, diz que "Unser Zeitalter ist das eigentliche Zeitalter der Kritik, der sich alles unterwerfen muß. Religion, durch ihre Heiligkeit, und Gesetzgebung durch ihre Majestät, wollen sich gemeinlich derselben entziehen. Aber alsdann erregen sie gerechten Verdacht wider sich und können auf unverstellte Achtung nicht Anspruch machen, die die Vernunft nur demjenigen bewilligt, was ihre freie und öffentliche Prüfung hat aushalten können." (Nossa era é a verdadeira era da crítica, a qual deve submeter-se tudo. A religião, por sua santidade, e a legislação, por sua majestade, geralmente buscam esquivar-se dela. Mas então suscitam justas suspeitas contra ambas e não podem reivindicar um respeito autêntico, que a razão concede apenas aos que se submetem a seu exame público e livre). Tradução nossa. KANT, I. "Vorrede". In.: \_\_\_\_: **Kritik der reinen Vernunft**. Leipzig: Leopoldo Voss, 1868, p. 7. Disponível em: <https://archive.org/details/kritikderreinenvernunftkant>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>69</sup> FANTÁSTICO. GLOBO PLAY. **Jair Bolsonaro (PSL) faz primeiro discurso como presidente eleito**. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7121006/>. Acesso em 22 nov. 2019.

crentes, ateus.

Todavia, em diversas ocasiões, por exemplo, Bolsonaro afirmou que colocaria, no Supremo Tribunal Federal, um ministro “terrivelmente evangélico”<sup>70</sup>. Deve-se, ainda, lembrar de um episódio marcante, após o anúncio do resultado das eleições, quando o ex-senador Magno Malta, chamado por Bolsonaro, para proferir uma oração<sup>71</sup> de agradecimento a Deus, começa com o ataque às esquerdas, relacionando a vitória bolsonarista como sendo por vontade divina, pois afirmou que “os tentáculos da esquerda não seriam arrancados sem a mão de Deus”. Se essa assertiva estiver certa, o que dizer então da própria derrota eleitoral de Magno Malta para o Senado Federal? Obra da mão de Deus? Mas não somente: Magno afirma categoricamente que “Deus ungiu Jair Bolsonaro”. Esta fala não foi e não será distinta das falas de muitos pastores e fiéis evangélicos, isto é, creditar a Bolsonaro uma existência divina e profética<sup>72</sup>.

Bolsonaro é uma personalidade ambígua, autoritária, complexa. Aprendeu com o populismo a ser populista. Não se importa com formalidades e caricaturas. A sua consciência parece viver em um mundo em que as verdades fatuais pouco ou nada importam. A verdade cristã parece lhe servir apenas de meio necessário para uma moralização moralizadora e para uma propaganda violentamente antiesquerda. De acordo com Perry Anderson,

O sucesso da imagem que ele projetou neste meio foi um reflexo não apenas da violência de seus pronunciamentos. A impressão de Bolsonaro dada pela cobertura da imprensa no exterior, de um fanatismo feroz e incessante, é enganosa. A personalidade pública é mais ambígua do que isso: certamente grosseira e violenta, mas com um lado juvenil e brincalhão, capaz de um popular, às vezes até

<sup>70</sup> HUFFPOST BRASIL. **Bolsonaro diz que escolherá ministro ‘terrivelmente evangélico’ para o STF**. 2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-ministro-evangelico\\_br\\_5d25e0c1e4b0583e482a13d6](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-ministro-evangelico_br_5d25e0c1e4b0583e482a13d6). Acesso em: 27 nov. 2019.

<sup>71</sup> G1. GLOBO. **Jair Bolsonaro (PSL) ora com apoiadores para agradecer vitória nas eleições**. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/videos/v/jair-bolsonaro-psl-ora-com-apoiadores-para-agradecer-vitoria-nas-eleicoes/7120992/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

<sup>72</sup> Ver: GUERRA, R.; MELLO, I. **Bolsonaro participa de culto evangélico com Silas Malafaia no Rio**. Extra. Globo, 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-participa-de-culto-evangelico-com-silas-malafaia-no-rio-23200247.html>. Acesso em: 22 nov. 2019; AGOSTINI, R. **Líder da Assembleia de Deus visita Bolsonaro e diz que não há clima de ‘já ganhou’**. Estadão, 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,lider-da-assembleia-de-deus-visita-bolsonaro-e-diz-que-nao-ha-clima-de-ja-ganhou,70002567550>. Acesso em: 27 nov. 2019; REVISTA FÓRUM. **Edir Macedo compara Bolsonaro a Deus e diz que “vivemos inferno da mídia”**. 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/edir-macedo-compara-bolsonaro-a-deus-e-diz-que-vivemos-inferno-da-midia/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

depreciativo, bom humor.<sup>73</sup> (ANDERSON, 2019)

E é esta ambiguidade complexa do seu ser político-social que faz com que ele seja bastante popular entre jovens de variados classes e grupos sociais, pois a ambiguidade é capaz de, alguma forma, esconder a sua personalidade essencial, aquela que, muitas vezes, vem à tona em situações estressantes, públicas, como durante entrevistas ao ser questionado sobre pontos polêmicos de seu governo ou quando faz nomeações para cargos relacionados com a cultura e, principalmente, as artes, ou, ainda, ao editar Medidas Provisórias.

Os ataques às artes no governo bolsonarista têm bastante relação com tais nomeações, mas não se resumem a isso. É crucial para a compreensão dessa questão rever fatos bem antes do seu mandato. As estratégias de poder contra as artes, como visto, têm um fundo moralista e religioso. E um dos mais importantes fatores é a questão da sexualidade na arte. Sob o pretexto da proteção das crianças e adolescentes, os seus partidários e aliados, identificados com o fundamentalismo religioso, promoveram, em diversas situações, propagandas em que a liberdade sexual era mesmo pernicioso, corrupta, aliciadora. Uma das primeiras acusações do seu séquito político foi promover via fake News que os políticos de esquerdam defendiam a homossexualidade nas escolas, a prostituição, que as artes estariam contaminadas por uma “ideologia de gênero” (leiam-se, outra vez, os discursos bolsonaristas). Nesta onda massiva manipulável, contemplou-se acriticamente o espalhar de notícias injuriosas, difamatórias, caluniosas contra artistas e professores: as acusações iam desde aliciação até pedofilia.

Como a sexualidade era um outro alvo - agora nomeada de “ideologia de gênero -, os fanáticos religiosos e a massa emotiva reerguiam um antigo e bem conhecido tema (“Deus, pátria e família”) Integralismo, movimento que foi uma das mais explícitas e características manifestações fascistas no Brasil. Os integralistas adotavam a cor “verde” como uma referência explícita à Bandeira Nacional, bem como em referência ao Exército Brasileiro. Eram os “camisas-verdes”. Semelhanças á parte, essa seria uma das cores adotadas pelo bolsonaristas durante a campanha eleitoral em ataque direto às cores e à

---

<sup>73</sup> Tradução nossa. “The success of the image he projected in this medium was a reflection not just of the violence of his pronouncements. The impression of Bolsonaro given by press coverage abroad, of an unremitting feral fanaticism, is misleading. The public personality is more ambiguous than that: crude and violent certainly, but with a boyish, playful side, capable of a popular, on occasion even self-deprecating, good humour”.

bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT). Gritavam, faziam danças coreografadas e batiam panelas, repetindo, quase sempre, entre muitos bordões contra a esquerda, que “a nossa bandeira jamais será vermelha”. Perry Anderson afirma que

O fascismo foi uma reação ao perigo da revolução social em tempos de deslocamento econômico ou depressão. Ele comandava grupos dedicados, organizava movimentos de massa e possuía uma ideologia articulada. O Brasil teve a sua versão na década de 1930, os Integralistas “camisas-verdes”, que em seu auge contavam com mais de um milhão de membros, com um líder articulado, Plínio Salgado, uma extensa imprensa, programa editorial e conjunto de organizações culturais, e que quase chegaram a conquistar poder em 1938, após o fracasso de uma insurreição comunista em 1935.<sup>74</sup> (ANDERSON, 2019)

Neste sentido, proteger a “Pátria” significa: proteger os seus, os que se sentem e se identificam com um chauvinismo desmedido e violento. Proteger a “Família” significa apontar que só há um tipo de família, aquela religiosamente fundada e fundamentada, heteronormativa, por óbvio. Proteger “Deus” é promover uma nova Cruzada contra os “inimigos” de Deus – os “esquerdistas”, os “comunistas”. Um fato relevante marcará, antes da eleição de Bolsonaro, o ataque à cultura e às artes: a eleição de um fervoroso Bispo evangélico (licenciado da Igreja Universal) para a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Tal eleição não pode ser encarada como uma simples vitória política do conservadorismo. É, antes, uma forma articulada de expansão dos campos de possibilidades e da pretensão de ocupar esferas e cargos de poder pela bancada evangélica. Era a primeira vez que um Bispo evangélico, pós-1988, venceria a prefeitura da Cidade Maravilhosa, a cidade do carnaval, a festa mais sexualizada da cultura brasileira. O carnaval não tardaria a ser um alvo dessa nova ordem religiosa política<sup>75</sup>.

<sup>74</sup> Tradução nossa. “Fascism was a reaction to the danger of social revolution in a time of economic dislocation or depression. It commanded dedicated cadres, organised mass movements and possessed an articulated ideology. Brazil had its version in the 1930s, the green-shirt Integralistas, who at their height numbered over a million members, with an articulate leader, Plínio Salgado, an extensive press, publishing programme and set of cultural organisations, and who came close to seizing power in 1938, after the failure of a communist insurrection in 1935”.

<sup>75</sup> Ver: BACELAR, K. **Prefeitura cria espaço para blocos onde já foi a Cidade do Rock, mas ligas criticam**. Extra. Globo, 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-cria-espaco-para-blocos-onde-ja-foi-cidade-do-rock-mas-ligas-criticam-22230758.html>. Acesso em: 17 nov. 2019; SEARA, B. **Carnaval na gestão de Marcelo Crivella vai seguir a Lei do Silêncio**. Extra. Globo, 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/carnaval-na-gestao-de-marcelo-crivella-vai-seguir-lei-do-silencio-22383414.html>. Acesso em: 17 nov. 2019; RODRIGUES, R. **Crivella diz que prefeitura faz 'desmame' de recursos públicos para o carnaval**. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/crivella-diz-que-prefeitura-faz-desmame-de-recursos-publicos-para-carnaval-23455333>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Pode-se dizer, de alguma maneira, que a ordem carnavalesca é um misto representativo dos múltiplos Brasis, isto é, reflete as estruturas, agentes, ações, práticas, movimentos e discursos sociais que engendram a sociedade brasileira, porque é uma ordem plural, democrática sob muitas perspectivas, dinâmica, mutável e aberta. Neste sentido, Maria Isaura Pereira de Queiroz constata que

A ordem carnavalesca, no Brasil, não contraria a ordem habitual da sociedade existente. Também não oferece embasamento para a construção de uma coletividade totalmente outra, que seria rebelde, igualitária, fraterna, além de fugitiva e ilusória. A ordem carnavalesca define posições e papéis sociais inteiramente dentro das hierarquias sócio-econômicas existentes, de acordo com as relações sociais básicas. Nem revolucionária, nem destrutiva, a ordem carnavalesca é mimética da ordem de todos os dias, sobre a qual se apóia. (QUEIROZ, 1994, p. 43)

Ora, é justamente, ao que parece, essa ordem diversificada, plural, não homogênea, complexa, colorida, ambígua, atada quase sempre à alegria e à vida que incomoda a ideologia fascista. Como bem atesta Umberto Eco,

[...] desacordo é um sinal de diversidade. O fascismo original cresce e busca consenso pela exploração e exacerbação do medo natural da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou prematuramente fascista é um apelo contra o intruso. Assim, o fascismo original é racista por definição.<sup>76</sup> (ECO, 1995)

Não é de se espantar que, após a eleição de Crivella, tanto no Rio de Janeiro quanto em outras partes do Brasil cresceu um movimento para tentar criminalizar o funk. Em 2017, foi proposta uma ideia legislativa com o título “Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família”, que chegou a ter 21.978 apoios, sendo, então, transformada na Sugestão nº 17 de 2017<sup>77</sup>, que não foi transformada em projeto de lei porque a Comissão de Direitos Humanos entendeu ser tal Sugestão violava cláusula pétrea da Constituição Federal. Mas a questão não ficaria na base de uma ideia requerida por um indivíduo.

Para Danilo Cymrot,

O funk é ameaçador porque, apesar de ter se popularizado, o que gera ainda mais

<sup>76</sup> Tradução nossa. “Disagreement is a sign of diversity. Ur-Fascism grows up and seeks for consensus by exploiting and exacerbating the natural fear of difference. The first appeal of a fascist or prematurely fascist movement is an appeal against the intruders. Thus Ur-Fascism is racist by definition”.

<sup>77</sup> ALONSO, M. **Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família.** Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaoideia?id=65513>. Acesso em 18 nov. 2019.

apreensão em setores conservadores, ainda é identificado com aglomerações de jovens negros, pobres e favelados, descendentes dos perigosos capoeiras, um setor visto de forma generalizada e estereotipada como ameaçador em uma sociedade racista e desigual (CYMROT, 2012, p.178)

A popularização incomoda a ideia fascista, porque tal ideia tem em seu cerne a busca por uma cultura homogeneizante e elitista. As perseguições ao carnaval e ao funk<sup>78</sup> se entrelaçam porque ambas as manifestações culturais têm dois importantes pontos comuns: a popularização e a sexualidade. Umberto Eco afirma que

O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, na medida em que é fundamentalmente aristocrática, e o elitismo aristocrático e militarista implica cruelmente o desprezo pelos fracos. O fascismo original só pode advogar um elitismo popular. Todo cidadão pertence às melhores pessoas do mundo, os membros do partido são os melhores dentre os cidadãos, todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido.<sup>79</sup> (ECO, 1995)

A popularização, para a ideia fascista, é apenas válida e legítima se for elitista. Todavia, ainda que o populismo possa ser um traço do fascismo, são categorias analíticas distintas. A ideia fascista admite a popularização e os movimentos de massa porque é uma ideia que se funda em hierarquias e em massas manipuláveis, emotivamente dependentes e religiosamente crentes, como em um séquito de pessoas acríticas. Os efeitos sociais da ideia fascista são advindos das ações, discursos e práticas desse séquito emotivamente mobilizado e instrumentalizável. Como Umberto Eco (1995) diz: “não pode haver patrícios sem plebeus”<sup>80</sup>.

Este é um ponto crucial para a compreensão do fascismo. As massas pensam fazer parte do poder político. Elas acreditam mobilizar forças capazes de influenciar as elites e os líderes partidários, pensam cegamente que terão vez e voz, sequer supondo que estão sendo instrumentalizadas. Os seus esforços enquanto agentes mobilizadores sociais abrem espaços de possibilidade apenas para a ideia fascista e para os líderes partidários. Em um sistema de poder que visa a homogeneização acéfala das massas, é tolice e ingenuidade pensar ou supor

<sup>78</sup> Para uma melhor compreensão da perseguição e tentativas de criminalização do funk, recomendo a leitura da dissertação de Mestrado (em Direito/USP, em 2011): “**A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**”, de Danilo Cymrot, disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26082016-134709/en.php>. Acesso em: 15 nov. 2019.

<sup>79</sup> Tradução nossa. “Elitism is a typical aspect of any reactionary ideology, insofar as it is fundamentally aristocratic, and aristocratic and militaristic elitism cruelly implies contempt for the weak. Ur-Fascism can only advocate a popular elitism. Every citizen belongs to the best people of the world, the members of the party are the best among the citizens, every citizen can (or ought to) become a member of the party”.

<sup>80</sup> Tradução nossa. “there cannot be patricians without plebeians”.

que as massas têm poder na esfera política das decisões. A realidade fascista é artificial, por isso as massas são só um mero meio.

De acordo com Paula Diehl (1996, p. 116), “a mobilização das massas é um componente essencial dos movimentos fascistas. Sendo a base de seus mecanismos de persuasão”, todavia, a massa manipulável é “apenas decorativa”, pois vive a quimera de participar efetivamente das decisões políticas. Neste sentido, a autora (1996, p. 139) acrescenta que “aos poucos as questões políticas vão perdendo seu caráter político e se transformando em estética e a sociedade vai sendo cada vez mais alimentada por símbolos”.

### Considerações finais

Serão as massas emotivas que irão alimentar a cadeia de ataque às artes e à cultura em geral. Sem quaisquer questionamentos críticos ou reflexivos, aceitarão as *fake news* como verdades incontestáveis. A realidade fatural não mais importará porque é uma realidade que atormenta, que frustra, que machuca, que não provoca fascínio e esperança, que não promove nenhum tipo de sonho dantesco, que não é compatível com a necessidade de dominação e servilidade. As verdades fatuais parecem contradizer as verdades dogmáticas da religião política e, por isso, parecem ofender, de algum modo, a percepção que se tem dos “escolhidos” e do “líder”, do “guia” transcendente político. Neste sentido, o fascismo tem também como característica o fato de advir de uma frustração individual ou social, algum tipo de desencanto com a realidade fatural. Para Umberto Eco (1995), “os seguidores devem sentir-se humilhados pela riqueza e força ostensivas de seus inimigos<sup>81</sup>”.

Esse tipo de mobilização a que se assiste, no Brasil, antiarte e antiartistas, antividua, anticultura, anti-intelectualismo e anti-intelectuais, pode ser resumida analiticamente, de alguma maneira, como sendo antimarxista, anticomunista, antiesquerda. Pondo a esquerda como a culpada de todos os males não só do Brasil como do mundo, a massa bolsonarista repete o discurso daqueles que se propuseram a uma “*politica di combattimento*”<sup>82</sup>. Neste

<sup>81</sup> Tradução nossa. “The followers must feel humiliated by the ostentatious wealth and force of their enemies”.

<sup>82</sup> Referência ao Manifesto dei Fasci italiani di combattimento, proclamado por Benito Mussolini, em 23 de março de 1919, na Piazza San Sepolcro, em Milão, e publicado, em 6 de junho de 1919, no jornal “Il Popolo d'Italia”. Nele, percebemos uma característica presente no fascismo que é a milícia militarizada: “l’istituzione di una milizia nazionale con brevi servizi di istruzione e compito esclusivamente defensivo”. Disponível em:

ponto, vale lembrar o que está no livro autobiográfico *Mein Kampf (Minha Luta)*. Adolf Hitler (1936) afirma que "para dar a conhecer a nova causa e seus líderes, é necessário não só destruir a crença na invencibilidade do marxismo<sup>83</sup>, mas também demonstrar a possibilidade e a viabilidade de um movimento que lhe seja contrário"<sup>84</sup>

O apelo às massas, como tática instrumentalizável, está bem explícito em *Mein Kampf*. Hitler explica que

O poder que pôs em movimento as grandes avalanches históricas de natureza religiosa e política tem sido o poder mágico da palavra falada desde tempos imemoriais.

Acima de tudo, a grande massa de um povo está sempre sujeita ao poder da oratória. Todos os grandes movimentos, no entanto, são movimentos populares, erupções vulcânicas de paixões humanas e emoções afetivas, incitadas pela cruel Deusa da Miséria bem como pela tocha da palavra lançada no seio das massas, porém jamais pelas efusões límpidas de literatos artísticos e heróis de salão<sup>85</sup>. (HITLER, 1936)

Traçar paralelos históricos não quer dizer que, através de um exemplo no passado, é possível dogmaticamente afirmar algo no presente. Uma análise sociológica que assim se impuser sequer será uma análise sociológica. Todavia, muitas das categorias históricas e sociológicas podem ser contextualizadas. O fascismo teve força justamente porque a massa foi incapaz de fazer reflexões acerca do que ocorria. A sociedade alemã, por exemplo, apresentou-se não só intimidada pelo poder do NSDAP (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei) e das suas milícias, mas como abraçou acriticamente praticamente tudo que o partido nazista defendia. Seria ingenuidade histórica não querer traçar paralelos e apontar

---

[http://www.metarchivi.it/dett\\_documento.asp?id=274&tipo=FASCICOLI\\_DOCUMENTI](http://www.metarchivi.it/dett_documento.asp?id=274&tipo=FASCICOLI_DOCUMENTI). Acesso em: 15 nov. 2019.

<sup>83</sup> Claro está que a crítica ao marxismo não se confunde com o fascismo antimarxista. O fascismo marxista é um ato político de combate que visa o extermínio do seu inimigo, inclusive fisicamente, se necessário. Aqui, vale voltar a lembrar do texto de Olavo de Carvalho na véspera das eleições que pedia a destruição dos inimigos bolsonaristas até fisicamente.

<sup>84</sup> Tradução nossa. "Um die Bewegung und ihre Führer bekannt zu machen, war es nötig, den Glauben an die Unbesiegbarkeit der marxistischen Lehre an einem Orte für alle sichtbar nicht nur zu erschüttern, sondern die Möglichkeit einer entgegengesetzten Bewegung zu beweisen". HITLER, A. **Mein Kampf**. Archive Org, 2010. Disponível em: <https://archive.org/details/Hitler-Adolf-Mein-Kampf/page/n3>. Acesso em: 10 nov. 2019.

<sup>85</sup> Tradução nossa. "Die Macht aber, die die großen historischen Lawinen religiöser und politischer Art ins Rollen brachte, war seit uralten Zeiten nur die Zauberkraft des gesprochenen Wortes.

Die breite Masse eines Volkes vor allem unterliegt immer nur der Gewalt der Rede. Alle großen Bewegungen aber sind Volksbewegungen, sind Vulkanausbrüche menschlicher Leidenschaften und seelischer Empfindungen, aufgerührt entweder durch die grausame Göttin der Not oder durch die Brandfackel des unter die Masse geschleuderten Wortes und sind nicht limonadige Ergüsse ästhetisierender Literaten und Salonhelden."

semelhanças e diferenças. Antes mesmo da chegada do NSDAP ao poder, em 1933, a sua agenda já era publicamente e explicitamente antissemita, xenofóbica e anticomunista. Sempre ficará a preencher livros de filosofia, teoria política, sociologia e história o porquê de, mesmo desde a sua origem, em 5 de janeiro de 1919, quando ainda chamava-se DAP (Deutsche Arbeiterpartei) , antes mesmo da filiação de Hitler<sup>86</sup> ao partido, como o povo alemão seduziu-se por tal política nefasta.

10 anos após a tentativa da tomada de poder, através do *Hitlerputsch*, conhecido como o “Golpe das Cervejarias”, que o partido nazista chega ao poder. Quase toda a sociedade alemã conviveu e parece ter aceitado, de alguma maneira, essa necropolítica racista. Mais de 10 anos ouvindo discursos, práticas, atos, caminhadas, marchas que politicamente eram formalmente grandiosas, mas moralmente anti-humanas. Como bem salientou Alcir Lenharo (1990, p. 26), "os nazistas levavam muito a sério suas mentiras propagandísticas". E a sociedade alemã, em vasta maioria, comprou essa ideia absurdamente autoritária e antivida. Nesta perspectiva, traçar paralelos, apontar pontos de intersecção e de fusão, semelhanças e diferenças, parece ser não só eticamente necessário, mas historicamente e sociologicamente relevante.

Antes de Hitler assumir o poder alemão em 1933, ele era um militar "estrangeiro" (austríaco), não levado a sério, apesar de ter sido condecorado duas vezes durante a Primeira Guerra Mundial. Não tinha nada de excepcional, a não ser o fato de ter-se dedicado a aprender as táticas propagandísticas dos comunistas e uma análise pragmática do uso das massas emotivas. Com a República de Weimar em crise, com a Alemanha humilhada pós-guerra, com a inflação, desemprego, fome tomando conta da nação germânica, o que decidiram irracionalmente as forças políticas alemãs? 1. O exército (apesar de indeciso e temerário) resolveu apoiar Hitler; 2. Os capitalistas não-judeus resolveram apoiar Hitler ante a ameaça comunista; 3. Os capitalistas judeus (muitos deles) resolveram apoiar a extrema direita alemã não acreditando no perigo real que lhes acontecia, mesmo sabendo do xenofobismo e antissemitismo explícito do NSDAP. Relativizaram os discursos de Hitler até que se viram presas fáceis do ódio do Führer; 4. Os conservadores (que ainda sonhavam com

---

<sup>86</sup> Hitler não foi o fundador do partido nazista (NSDAP). Ele filiou-se em 12 de setembro de 1919, ainda quando partido se chamava Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Alemães/DAP). Somente em 20 de fevereiro é que ocorre a mudança do nome do partido, passando então a chamar-se Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

uma Alemanha grandiosa e gloriosa, que esperavam sorridentes um Terceiro Reich imponente) resolveram dar total apoio às investidas do partido nazista; 5. As massas emotivas trataram não só de acreditar nos discursos de Hitler, como agiam em seu nome, praticando violências várias, até assassinatos. A defesa irreflexiva do Führer era a ordem. Desfilavam com tochas, símbolos (águia e suástica) e bandeiras, robotizados, sabendo conscientemente que abraçavam uma causa totalitária, discriminatória (racista, antissemita, xenofóbica e homofóbica), violenta. 6. Artistas, pensadores, filósofos, professores, alguns liberais e até mesmo pessoas da esquerda alemã fascinados com a ideologia de um chauvinismo transcendente e salvador, enfim, praticamente toda a classe média - revestida de uma *Wille zur Macht* - não mediu forças para seguir as ordens do tirano nazista. Os oficiais nazistas e parte da sociedade alemã não só compactuavam com a barbárie, mas acreditavam religiosamente que estavam fazendo o que era certo, legal e legítimo: o anti-humano era legitimado em nome do aparelho estatal. (DIEHL, P., 1996; KERSHAW, I., 1988; KERSHAW, I., 2000; CALLEJA, E. G., 1993; LOSURDO, D., 2003)

Exemplos não faltam para legitimar fatos concretos. O recém-nomeado (2/12/2019) por Jair Bolsonaro como novo presidente da Biblioteca Nacional traz em seu histórico de pronunciamentos públicos várias declarações não apenas absurdas e ilógicas, mas típicas de práticas fascistas. Influenciado por Olavo de Carvalho, reproduz os pensamentos do seu guru quanto à cultura, às artes e às universidades. Em 2017, ele associou Caetano Veloso, Legião Urbana e Gabriel, O Pensador ao analfabetismo brasileiro, afirmando que "livros didáticos estão cheios de músicas de Caetano Veloso, Gabriel O Pensador, Legião Urbana. Depois não sabem por que está todo mundo analfabeto". Mas não apenas isso! O também recente indicado para assumir a presidência da Funarte (Fundação Nacional de Artes), Dante Mantovani, afirmou que "os Beatles surgiram para "implantar o comunismo no planeta". Fanatismos? Ignorância? Distopias antirrealidades? Todos esses eventos devem ser bem postos ante a crítica. Pensá-los apenas como ingenuidades e tolices é desacreditar e desvalorizar as possíveis estratégias de poder de uma *Wille zur Macht* por trás das aparências e das caricaturas.

Ao promover o culto à ignorância, a ideologia fascista procura evidenciar com argumentos aparentemente bem construídos, mas na verdade portadores de uma retórica falaciosa, com apelo populista para a mobilização de massas, que a existência é bipartidária,

isto é, há dois lados: o do bem (o da ideologia que assim se percebe) e o do mal (os adversários e, neste caso, a razão e tudo que dela emana e transcende). Este apelo à ignorância, geralmente, é feito com uma linguagem simples, sem rigores formais, leiga, para alcançar as massas emotivas e acríticas. Segundo Umberto Eco (1995), “todos os livros escolares nazistas ou fascistas usavam um vocabulário empobrecido e uma sintaxe elementar, a fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico<sup>87</sup>”.

A promoção do culto à ignorância pretende engendrar humanos anti-humanos. Para isso, procura justificar-se eticamente e moralmente por alguns argumentos, tais como: a defesa e a idolatria exagerada da pátria (o que promove um chauvinismo perigoso) e a exaltação de uma religiosidade política ou de uma política religiosa (a crença de que algum ser divino predestinou e dá legitimidade absoluta a todos os atos e discursos praticados, inclusive assassinar em nome da divindade). A promoção do culto à ignorância traduz-se, de alguma maneira, em ataque à cultura e às artes.

As artes, além de serem fenômenos estéticos, são fenômenos sociais, causam efeitos sobre as pessoas, promovem dúvidas, questionamentos e uma miríade de sentimentos e pensares. Por isso, elas são vistas, de algum modo, como inimigas da ideologia fascista. Por ser um fenômeno social, está passível não só de crítica, mas de ataques, com o intuito de supressão, de destruição, de anulação, de inexistência.

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. Bolsonaro's Brazil. **London Review of Books**, London, 2019.  
Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/v41/n03/perry-anderson/bolsonaros-brazil>. Acesso em 19 nov. 2019.

ARENDT, H.. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAHAMONDE, A.; MARTÍNEZ, J.A.. Historia de España. Siglo XX. 1933-1996. Madrid: Cátedra, 1999.

BELLAH, R. N. Civil religion in America. **Daedalus**, 1967, vol. 96, n.º 1, Religion in America.

---

<sup>87</sup> Tradução nossa. “All the Nazi or Fascist schoolbooks made use of an impoverished vocabulary, and an elementary syntax, in order to limit the instruments for complex and critical reasoning”.

BURNS, N. The New Brazilian Right. **American Affairs Journal**, 2019. Disponível em: [https://americanaffairsjournal.org/2019/08/the-new-brazilian-right/?fbclid=IwAR0Jcuobiu9v-8ccI9ZNzl\\_bQ4WtNPJj93mR0pDFagEUpbKFn99XS4OmGNY](https://americanaffairsjournal.org/2019/08/the-new-brazilian-right/?fbclid=IwAR0Jcuobiu9v-8ccI9ZNzl_bQ4WtNPJj93mR0pDFagEUpbKFn99XS4OmGNY). Acesso em: 29 nov. 2019.

CALLEJA, E. G. Los intelectuales filofascistas y la "Defensa de Occidente". **Revista de estudios políticos**, nº 81, 1993. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=27226>. Acesso em 14 nov. 2019.

CALLIGARIS, C. **O moralizador**. Folha de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2003200829.htm>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CICERO, A. Da atualidade do conceito de civilização. In: \_\_\_\_\_. RIBEIRO, Antonio Pinto. A urgência da teoria. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p.291-314. Disponível em: [https://www.academia.edu/6869391/DA\\_ATUALIDADE\\_DO\\_CONCEITO\\_DE\\_CIVILIZACAO](https://www.academia.edu/6869391/DA_ATUALIDADE_DO_CONCEITO_DE_CIVILIZACAO). Acesso em: 25 de nov. 2019.

CYMROT, D. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito Penal) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26082016-134709/en.php>. Acesso em: 15 nov. 2019.

CYMROT, D. Ascensão e declínio dos bailes de corredor: o aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, 2012, v. 4, n. 2, p. 169-179. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12364>. Acesso em 17 nov. 2019.

DIEHL, P. Propaganda e persuasão na Alemanha nazista. São Paulo: Annablume, 1996.

ECO, U. **Ur-Fascism**. The New York Review of Books. New York, 1995. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1995/06/22/ur-fascism/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FOUCAULT, M. The Subject and Power. **Critical Inquiry**, 1982, vol. 8, nº. 4. The University of Chicago Press/Justor, Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343197?seq=1>. Acesso em 18 nov. 2019.

GENTILE, Emilio. Fascismo. Historia e interpretación. Madrid: Alianza, 2004.

GRIFFIN, R. International Fascism: Theories, Causes and the New Consensus. London: Arnold, 1988.

HESIOD. Ἔργα καὶ Ἡμέραι. Perseus. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0131%3Acard%3D1>. Acesso em: 23 nov. 2019.

HITLER, A. **Mein Kampf**. Archive Org, 2010. Disponível em: <https://archive.org/details/Hitler-Adolf-Mein-Kampf/page/n3>. Acesso em: 10 nov. 2019.

KANT, I. Crítica da faculdade de julgar. Tradução de Daniela Botelho B. Guedes. São Paulo: Ícone, 2009.

KANT, I. **Kritik der reinen Vernunft**. Leipzig: Leopoldo Voss, 1868, p. 7. Disponível em: <https://archive.org/details/kritikderreinenvern00kant>. Acesso em 22 nov. 2019.

KAPLAN, M. "Hacia un fascismo latinoamericano". **Nueva Política**. México, 1976.

KERSHAW, I. Le "mythe du Führer" et la dynamique de l'État nazi. **Annales**. Paris, 1988, v. 43, n° 3. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1988\\_num\\_43\\_3\\_283509](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1988_num_43_3_283509). Acesso em 13 nov. 2019.

KERSHAW, I. The Nazi-State: an exceptional state. *New Left Review*, London, 1989, n° 176. (edição impressa).

KERSHAW, I. Weimar: why did German democracy fail (Debates in Modern History). London: Palgrave Macmillan, 1990.

KERSHAW, I. The Nazi Dictatorship: problems and perspectives of interpretation. Series: Hodder Arnold Publication. New York: Bloomsbury, 2000.

KERSHAW, I. Hitler: a biography. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. São Paulo: Ática, 1990.

LIPSET, S.M. L'homme et la politique. Paris: Seuil, 1963.

LOSURDO, D. "Per una critica della categoria di totalitarismo". In: \_\_\_\_\_. Bonapartismo, cesarismo e crisi della società. A cura di Manuela Ceretta. Luigi Napoleone e il colpo di Stato del 1851. Firenze: Olschki, 2003, pp. 167-196.

MILL, J. S. On Liberty. Edited by John Gray and G.W.Smith. New York: Routledge, 2003.

MILZA, P. Mussolini entre fascisme et populisme. **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, Paris, 1997, n°56, octobre-décembre. Les populismes. pp. 115-120. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/xxs\\_0294-1759\\_1997\\_num\\_56\\_1\\_4496](https://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1997_num_56_1_4496). Acesso em: 20 nov. 2019.

MUSSOLINI, B.; GENTILE, G. **La dottrina del fascismo**. Polyarchy. Disponível em: <http://www.polyarchy.org/basta/documenti/fascismo.1932.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NIETZSCHE, F. **Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen**. Zeno. Disponível em:

<http://www.zeno.org/Philosophie/M/Nietzsche,+Friedrich/Also+sprach+Zarathustra>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NOLTE, E. Les mouvements fascistes. L'Europe de 1929 à 1945. Paris: Calmann Lévy, 1991.

PAYNE, S. G. El fascismo. Madrid: Alianza, 2014.

PAYNE, S. G. Historia del fascismo. Barcelona: Planeta, 1995.

QUEIROZ, M. I. P. de. A ordem carnavalesca. **Tempo Social. Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 6(1-2): 27-45, 1994 (editado em jun. 1995). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84999>. Acesso em: 13 nov. 2019.

ROGGERO, F. S. Fascismo y sacralidade: notas em torno al concepto de “religión política”. **Noésis**, 2015, vol. 24, n.º. 47-3.

SANTOS, T. dos. Socialismo y fascismo em América Latina hoy. **Revista Mexicana de Sociología**, Ciudad de México, 1977. Republicado, com tradução em português, em Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas (UNB), 2018, v. 12, n.º. 1. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3539794?seq=1>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TRAVERSO, E. Posfascismo. Fascismo como concepto transhistórico. **Viento sur**, n.º. 166, 2019. Disponível em: <https://vientosur.info/spip.php?article15359>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TRAVERSO, E. Espectros del fascismo. Metamorfosis de las derechas radicales en el siglo XXI. **Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo**, València, 2016, n.º 50, (Ejemplar dedicado a: El inquietante siglo XXI). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5640633>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TRINDADE, H.; SANTAMARÍA, D. J.. La cuestión de fascismo em América Latina. **Desarrollo Económico**, 1983, vol. 23, n.º 91. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3466521?seq=1>. Acesso em 20 nov. 2019.

VOEGELIN, E. “The political religions”. Translated by Virginia Ann Schildhauer. In: \_\_\_\_\_. The Collected Works of Eric Voegelin. Vol. 5. Edited with an introduction by Manfred Henningsen. Columbia: University of Missouri Press, 2000.

\* **Adriano Nunes** possui graduação em Medicina, pela Universidade Federal de Alagoas (2000) e em Direito, pela Universidade Federal de Alagoas (2018), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (2018). Funcionário público federal. Atualmente é pesquisador no grupo de pesquisa sobre violência, da Sociologia/UFAL, coordenado pelo prof. dr. Emerson do Nascimento. Tradutor com fluência em grego

antigo, latim clássico, inglês, inglês elizabetano, francês, alemão, italiano, espanhol e russo. Poeta, com 4 livros de poemas publicados.